



ANDRÉA KOCHHANN

**A PRODUÇÃO ACADÊMICA E
A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO CIENTÍFICO:
CONCEPÇÕES, SENTIDOS E CONSTRUÇÕES**



2ª EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Antonio Almeida (in memoriam)

Coordenação da Editora Kelps

Waldecil Barros

Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Dr. Angel Marcos Dios (Universidad Salamanca – Espanha)

Prof. Dr. Antonio Donizeti Cruz (UNIOESTE, PR)

Prof. Dra. Bertha Roja Lopez (Universidade Nacional do Peru)

Prof. Dra. Berta Leni Costa Cardoso (UNEB)

Prof. Dr. Divino José Pinto (PUC Goiás)

Prof. Dra. Catherine Dumas (Sorbonne Paris 3)

Prof. Dr. Francisco Itami Campos (UniEVANGÉLICA)

Prof. Dr. Iêdo Oliveira (UFPE)

Prof. Dra. Ivonete Coutinho (Universidade Federal do Pará)

Prof. Dra. Lacy Guaraciaba Machado (PUC Goiás)

Prof. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC Goiás)

Prof. Dra. Maria Isabel do Amaral Antunes Vaz Ponce de Leão

(Universidade Fernando Pessoa. PT)

Prof. Dra. Simone Gorete Machado (USP)

Andréa Kochhann

**A PRODUÇÃO ACADÊMICA E
A CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO CIENTÍFICO:
concepções, sentidos e construções**

Goiânia – GO

Kelps, 2025

Copyright © 2025 by Andréa Kochhann

EDITORA KELPS

Rua 19 nº 100 – St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 – Goiânia-GO

Fone: (62) 3211-1616

E-mail: kelps@kelps.com.br

homepage: www.kelps.com.br

REVISÃO

Maria Eneida da Silva

DIAGRAMAÇÃO

Victor Marques

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte

Emilly Luiza Vidal da Costa CRB1 - RP: 750

K76

Kochhann, Andréa.

A produção acadêmica e a construção do conhecimento científico: concepções, sentidos e construções / Andréa Kochhann. 2.ed. rev. ampl. – Goiânia: Kelps, 2025.

108 p.

ISBN: 978-65-5253-330-2 (Impresso)

ISBN: 978-65-5253-331-9 (E-book)

1. Produção acadêmica 2. Conhecimento Científico.
3. Ensino. I. Título.

CDU: 378.001.891

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito da autora. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

2025

A todos os pesquisadores, sejam iniciantes ou experientes, que visam a produção acadêmica para a construção do conhecimento, que é inerente ao ser humano.

DEDICO

“O homem é homem e o mundo é histórico-cultural na medida em que, ambos inacabados, se encontram numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação”

Paulo Freire

APRESENTAÇÃO

(1ª edição)

A produção acadêmica é constituinte e constituída pela construção do conhecimento científico. Para o movimento dessa produção, é necessário que se atente aos elementos concepção, sentidos e construções do conhecimento científico. Assim, a produção acadêmica pode ser compreendida como o movimento que o estudante universitário realiza em suas diferentes etapas ou níveis de estudos, tais como resumos, artigos, monografias, dissertações, teses e outros. A construção do conhecimento é o movimento que o ser humano realiza ao longo de sua existência, independente de tempo e espaço. O homem como ser racional constrói conhecimentos mediante a cultura em que está inserido.

A concepção dos fatos se torna importante para o movimento da produção acadêmica e da construção do conhecimento, visto que saber o que é cada fato ou o seu conceito acalma o ser humano que está constantemente em busca de tais concepções. O sentido dos fatos é outro elemento de relevância para a produção acadêmica e construção do conhecimento, devido a inquietudes do ser humano no que tange à busca de sentido de sua existência e dos fatos ocorridos. Saber o que é cada fato e o porquê de seu existir move o ser humano à construção de novos conhecimentos.

Nesse movimento, o presente livro prima por apresentar questões inerentes à concepção da produção acadêmica com o

sentido de construção do conhecimento científico por meio da organização e escrita científica, quadro de coerência, estado da arte, organização de artigos e projetos de pesquisa. Partindo do real concreto, é necessário que compreendamos algumas questões inerentes à concepção da produção acadêmica com o sentido de construção do conhecimento científico, bem como que apreendamos sobre a elaboração do quadro de coerência, considerando a linguagem acadêmica, e avancemos no tocante ao estado da arte, no movimento de mapeamento, organização e análise dos dados para iniciarmos o processo de organização e produção de artigos científicos e de projetos de pesquisa.

Com o conhecimento adquirido ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional, nos últimos 20 anos, ousou delinear o material de forma autoral, ao considerar a unidade teoria e prática de minha caminhada. Entre trajetos suaves e sinuosos, fui desenvolvendo conhecimentos, que julgo interessantes de serem compartilhados, como forma de favorecer os pesquisadores ou iniciantes na produção acadêmica. Desejo, de forma audaciosa, que o leitor, ao final da apreciação desse texto, tenha apreendido conhecimentos necessários à construção de um artigo científico, um projeto de pesquisa, e outros gêneros acadêmico-científicos.

Andréa Kochhann

APRESENTAÇÃO

(2ª edição)

Do idealizado ao materializado. Frase curta, densa e tensa. Do momento em que idealizamos algo até o momento de ver, tocar e sentir sua materialização, são longos e sinuosos caminhos, com veredas, montanhas, desertos, rios, lagos, oceanos e tantas outras coisas. Contudo, se queremos chegar à materialização temos que caminhar. E, para iniciar a caminhada temos que idealizar.

No meu caso, nesse momento, me referido a idealização de produção acadêmica e construção do conhecimento científico. Sou professora desde que nasci, ou pelo menos desde que tenho lembranças. Ensinava minhas bonecas, meus colegas e auxiliava crianças com tarefas de casa. Até que aos dezenove anos fui contratada como professora de uma escola particular. Logo em seguida me formei em Pedagogia e fiz especialização em Língua Portuguesa e Metodologia de Ensino, porque senti na graduação a necessidade de aprender cada vez mais a escrever de forma correta e científica, bem como de aprofundar nas relações metodológicas do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse momento, em 2002, fui convidada para ser professora na Universidade Estadual de Goiás. Nova etapa da vida acadêmica e profissional, novos estudos foram necessários. Fiz especialização em Docência Universitária, mestrado em Educação, Doutorado em Educação e Pós-Doutorado em Educação. Ao longo da caminhada

foram muitas palestras que assisti e ministrei, muitos capítulos de livros lidos e escritos, muito livros lidos e escritos, muita aprendizagem. Essa foi uma idealização em que os caminhos foram bem longos e sinuosos com todas as surpresas, tristezas e alegrias até chegar a sua materialização.

Essa caminhada idealizada e materializada fomentou meu ingresso como professora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão, Educação e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás, em 2020. Nesse momento percebi que toda a caminhada favoreceu para surgir outra idealização e materialização. Como professora de mestrado senti a necessidade de escrever um livro, com palavras simples, mas carregado de teoria, para que os meus alunos – e todos que tivessem acesso – conseguissem compreender o que muitos chamam - eu um dia chamei – de bicho de sete cabeças. Compreendessem metodologia da pesquisa científica.

Metodologia da pesquisa científica pode parecer complexa e incompreensível. Mas é possível compreender as coisas complexas. O homem é complexo e possível de ser compreendido. Não estou dizendo que é fácil. Com esse pensamento, comecei a idealizar um livro que quiçá, viabilizasse uma caminhada menos longa e sinuosa de compreensão dos elementos básicos da metodologia da pesquisa científica. Após a idealização e o caminhar para sua materialização, é publicado em 2021, o livro **A PRODUÇÃO ACADÊMICA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: concepções, sentidos e construções.**

Início quebrando paradigmas pelo título. Metodologia da pesquisa científica visa apresentar conceitos, formas, sentidos, movimentos, regras e outros elementos para que o estudante ou pesquisador possa realizar suas produções acadêmicas e construir seu conhecimento de forma científica. Eis, o motivo do título do nosso livro. Precisamos aprender conceitos ou concepções que norteiam à escrita acadêmica. Precisamos entender qual o sentido de ler

e escrever determinado texto científico. Precisamos compreender como construir o conhecimento científico. Eis, os motivos que me levaram a escolher a configuração do título do livro.

Ao passo que os anos passam, as passadas dadas na caminhada podem ter sido ultrapassadas e sendo necessárias novas passadas. Esse é o movimento natural da vida e tudo que a constitui. Então, um livro não perde sua essência com o tempo, mas em alguns casos é importante ser revisto e ampliado. Assim, em 2025, senti que era preciso atualizar o livro, visto que algumas concepções, sentidos e construções na área haviam avançado e nós, queríamos avançar juntos.

Do idealizado ao materializado em sua segunda edição, o livro **A PRODUÇÃO ACADÊMICA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: concepções, sentidos e construções**, apresenta novos elementos que somados aos anteriores, poderão favorecer o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Continuo ousada, pois continuo escrevendo de forma autoral, mas embasada em autores clássicos e contemporâneos.

Espero que os leitores, na caminhada da leitura desse livro, não sintam o caminho tão longo e sinuoso. Idealizei e materializei um livro no intuito do mesmo ser um caminho denso e suave na busca da compreensão de como produzir academicamente e por consequência construir conhecimento científico. Agora, caro leitor, te convido a idealizar, caminhar e materializar suas produções.

Andréa Kochhann

PREFÁCIO

(1ª edição)

O título da obra de Andréa Kochhann “**Produção Acadêmica e a Construção do Conhecimento Científico: concepções, sentidos e construções**” nos leva a indagar: como se dá a construção do conhecimento científico? Quais os limites entre este conhecimento e outros? É sempre mais fácil dizer o que não seria ciência. Segundo a literatura sobre metodologia científica, não são ciência a ideologia e o senso comum. Mas não há limites rígidos entre tais conceitos, pelo que aparecem sempre mais ou menos misturados. A ciência está permeada de ideologia e senso comum, não somente em caráter externo, mas como algo que está dentro do próprio processo científico, que é incapaz de produzir conhecimento puro.

A ideologia é tendenciosa, no sentido de não encarar a realidade assim como ela é, mas como gostaria que fosse, dentro de interesses determinados. Para deturpar a realidade de acordo com seus interesses, a ideologia usa de instrumentos científicos, no que pode adquirir extrema sofisticação. Pode chegar à mentira, quando não só deturpa, mas inverte os fatos, fazendo de versões, fatos. A religião é ideologia, à medida que serve a posturas dominantes. Para além disso, pode ser nada mais que a satisfação de uma necessidade básica humana.

O senso comum é marcado pela falta de profundidade, de rigor lógico, de espírito crítico, mas não possui apenas o lado

negativo, a começar por ser o saber comum que organiza o cotidiano das pessoas. Se considerarmos ainda a força da ideologia, entendida como forma de imposição de ideias e condutas visando a manutenção da dominação de uns sobre os outros, concluímos que o conhecimento comum é presa fácil do saber ilusório. Mesmo porque a ideologia permeia as mais diversas instâncias das relações humanas: a família, a escola, a empresa, os meios de comunicação de massa e assim por diante.

Parece que o senso comum é uma visão de mundo precária, distorcida e até perversa. Em decorrência, poderíamos pensar que só superamos a pobreza mental recorrendo a formas mais sofisticadas do saber, tais como a filosofia e a ciência. No entanto, pensar assim é pressupor que o ser humano comum deve ser tutelado por outras pessoas que lhes digam qual a melhor forma de pensar e quais as melhores ações a serem realizadas, o que é contrário a tudo que se pensa sobre a importância da autonomia humana.

Um dos critérios no campo da cientificidade é a construção do sentido lógico, com argumentação bem estruturada, sistematização com começo, meio e fim e desdobramento do tema de modo progressivo sem entrar em contradição. O fundamento deste último ponto está na capacidade de resistir à argumentações contrárias e a ênfase na atualidade. A busca da originalidade é outro critério para que não tenhamos pesquisas repetitivas. Portanto, a base de fundamentação para a construção do saber científico é o planejamento rigoroso. Para tanto, a distribuição do projeto de pesquisa em etapas constitui este elemento chave para a busca desta rigorosidade, como bem ilustra a obra em questão.

Segundo Clarice Lispector “*o óbvio é a verdade mais difícil de se enxergar*”. A primeira vista a construção do projeto de pesquisa se ampara numa obviedade, contudo ele bem construído serve de parâmetro para o progresso da descoberta do “novo” ou do espanto, como diz Aristóteles.

A escolha de um assunto e de um tema perpassa esta lógica porque a pesquisa nasce de conhecimento prévio ou de alguma observação anterior. Aqui se situa algo amplo e complexo que precisa ser delimitado para assumir uma abordagem mais concreta e menos genérica, por isso a necessidade imperiosa de observar a trajetória disposta neste livro.

Outro ponto de destaque diz respeito à problematização. Manuais de metodologia científica e metodólogos(as) costumam afirmar que o problema bem formulado e concretamente definido é o ponto mais alto das decisões iniciais de uma pesquisa e se constitui na fonte preciosa para avançar no desenvolvimento do saber científico. Ele é um assunto controverso, ainda não satisfatoriamente respondido, em qualquer campo do conhecimento, e que pode ser objeto de pesquisas científicas ou discussões acadêmicas. De modo geral, o problema de pesquisa serve para exploração de objeto pouco conhecido; determinar maior especificidade às condições que certo fenômeno pode ser influenciado por outros; testar uma teoria específica; descrever um fenômeno ou intervir numa determinada realidade local ou especificidade. Aqui situa-se a curiosidade do(a) investigador(a) para a busca do saber, desvendar mistérios, superar interrogações e vencer desafios.

O trabalho científico deve ser crítico, original, radical, por isso é necessário que seja identificado um real problema a ser investigado, refletido e solucionado. Outro momento a se observar na pesquisa é a importância do tema e sua relevância social e acadêmica. O grau desta importância pode ser medido no ato de comunicação de sua pesquisa para se chegar ao ser humano concreto inserido numa realidade histórica e não a um ser abstrato, de modo a cumprir as quatro relações constitutivas do conhecimento: gnosiológica, lógica, histórica e dialógica, como nos

ensina Paulo Freire¹. De forma complementar podemos apontar a acessibilidade do conhecimento construído. De preferência que ele permita o melhoramento das práticas sociais quando a sociedade se defronta com problemas ou limitações impostos pela realidade social. Desta forma é possível recolocar e fortalecer o papel da universidade para retornar à sociedade o saber que dela se origina.

Desejo uma boa e produtiva leitura desta relevante obra para a superação do obscurantismo na pesquisa acadêmica.

Erlando da Silva Rêses

Professor da Faculdade de Educação (FE)
da Universidade de Brasília (UnB)

¹ Neste ano se comemora o centenário de nascimento deste educador (1921-2021), que é o Patrono da Educação Brasileira.

PREFÁCIO

(2ª edição)

Na primeira edição da obra em questão fizemos alusão à aspectos da Filosofia da Ciência e sua interface com a produção do conhecimento científico. Não que a abordagem agora seja diferente, porém o texto ganhou e avançou em novas conotações. Nesta 2ª edição de **“Produção Acadêmica e a Construção do Conhecimento Científico: concepções, sentidos e construções”**, há mais informações e dicas acerca da linguagem acadêmica e gestão do tempo, por exemplo. Mas também, tem mais discussão e exemplos de ABNT e de quadro de coerência. Esse item ajuda a ver a pesquisa em sua integralidade e na perspectiva da coesão de suas partes. Com a mesma importância é a construção do Estado da Arte, que busca conhecer ou não outras pesquisas com o mesmo enfoque para que haja maior credibilidade numa investigação com base em ineditismo e novidade. Por fim, o(a) leitor(a) encontrará aspectos relevantes para a escrita de artigo científico e projeto de pesquisa.

Assim, a obra é um convite para que se alcance fundamento, solidez, rigor, materialidade e concretude nas pesquisas acadêmicas. O princípio fundamental do campo do conhecimento é integrá-lo como concepção de vida e de mundo. Ou seja, não basta conhecer e lidar com ele no âmbito científico é preciso

vivenciá-lo. Portanto, a função social do humanismo na ciência é a pesquisa concreta dos mais importantes processos e fenômenos vitais, aliada à elaboração das bases científicas do planejamento das relações sociais e do desenvolvimento integral da personalidade humana.¹

Isso nos leva a indagar: estamos produzindo conhecimento para quê e para quem? Ora, é aí que entra as linhas traçadas nesta obra e que nos leva a refletir sobre a função precípua da universidade pública, qual seja: a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Há ligeiras controvérsias sobre essa relação, em que a maior incidência de atuação se dá com ações eventistas e inorgânicas e não com uma base orgânica e processual.² Na primeira relação prevalece uma relação pontual e sem compromisso com a comunidade já na segunda envolve o sentido de permanência da relação acadêmica com possibilidade de intervenção social.³

O(a) estudante de graduação precisa desenvolver textos acadêmicos de acordo com a área de um determinado curso. Ainda que as humanidades costumem produzir mais textos, a situação não tem um rigor na graduação tal qual na pós-graduação, visto que, nessa etapa, é preciso elaborar um trabalho acadêmico, como uma dissertação ou tese, para a obtenção do título.

A produção de conhecimento sempre requer um registro escrito, por isso a desorganização pode, muitas vezes, levar a uma

1 Cf. RÊSES, Erlando da Silva. Materialismo Histórico-dialético e Ensino de Sociologia. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. *Dicionário de Ensino de Sociologia*. Editora Café com Sociologia, 2020. PDF disponível em: cafeconsociologia.com. Acesso em 12 jul 2025.

2 Cf. REIS, Renato Hilário. *A Constituição do Ser Humano: amor-poder-saber na Educação/alfabetização de Jovens e Adultos*. Campinas-SP: Autores Associados, 2011

3 Cf. RÊSES, Erlando da Silva (Org.). *Universidade e Movimentos Sociais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. PDF disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20874>. Acesso em 12 jul 2025

confusão de enunciados semanticamente desconexos e, inclusive, ao plágio não intencional, em que o autor sem um planejamento adequado não consegue identificar se um trecho do texto é uma combinação de suas leituras, uma ideia de algum autor específico ou até fruto de suas próprias ideias.

É preciso ter cuidado e atenção com uma suposta facilitação na produção de texto acadêmico com o uso da Inteligência Artificial, sobretudo por meio do ChatGPT. Isso além de envolver por uma discussão sobre Ética na Pesquisa e auto enganação induz um diálogo acerca do uso das tecnologias digitais.

O pensador alemão Karl Marx já havia nos alertado sobre as consequências sociais do avanço tecnológico. Além da perda da importância do indivíduo que vende a sua força de trabalho e do desaparecimento da categoria sociológica do trabalhador assalariado, ele apontou o fato da tecnologia determinar o desenvolvimento da sociedade, sem ser determinada por ela. A inteligência artificial avançou nas relações sociais e, sobretudo, nas dimensões do trabalho, ao ponto de vermos o crescimento vertiginoso de trabalhadores(as) por aplicativo com severas restrições nos direitos trabalhistas. Contudo, este avanço não se sobrepõe à inteligência real, a criatividade, a afetividade e às saudáveis relações humanas e sociais.

A fim de promover uma leitura bem estruturada e eficaz, um(a) estudante deve desenvolver a capacidade de ajustar seu próprio texto para diferentes públicos, considerando sua área de estudo e o gênero de sua produção textual. Nesse sentido, a leitura da obra em tela leva a uma reflexão sobre o texto acadêmico, com o objetivo de apresentar características e expectativas desse tipo textual. Discorre-se o sobre a produção de texto acadêmico, apontando as características de teor científico para conhecer

equivocos e atuar nas possibilidades de ajustes. Há uma apresentação detalhada sobre estrutura textual, observando as partes de uma redação científica para detalhar diferentes aspectos na/da construção autoral e própria nos trabalhos acadêmicos.

Convidamos você a percorrer as páginas desta obra. Boa e produtiva leitura!

Erlando da Silva Rêses

Doutor em Sociologia pela UnB, com pós-doutorado em Educação na Universidade de Londres (SOAS) sobre Teoria Social e “Método” em Marx. É professor da Faculdade de Educação (FE), orientador de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UnB e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Materialismo Histórico-dialético e Educação (Consciência) da FE/UnB. Contato: erlando@unb.br

SUMÁRIO

A PRODUÇÃO ACADÊMICA: construção do conhecimento científico	25
O conhecimento científico	25
A construção da pesquisa	29
A linguagem acadêmica.....	38
A gestão do tempo e do conhecimento.....	46
O QUADRO DE COERÊNCIA: construção do conhecimento científico	51
O quadro de coerência	51
Socializando um quadro de coerência	55
O ESTADO DA ARTE: construção do conhecimento científico.....	61
O estado da arte	61
Socializando um estado da arte	65
A ORGANIZAÇÃO DE ARTIGOS: construção do conhecimento científico	77
O artigo científico	77
Socializando um artigo científico	80
A ORGANIZAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA: construção do conhecimento científico	85
O projeto de pesquisa.....	85
Socializando um projeto de pesquisa.....	87
FORMAÇÃO DOCENTE E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: tessituras entre concepções, sentidos e construções.....	88
Introdução	88
Método e metodologia	93
Discussão teórica	95
Cronograma.....	97
CONSIDERAÇÕES (1ª edição).....	99
CONSIDERAÇÕES (2ª edição).....	101
REFERÊNCIAS.....	103

A PRODUÇÃO ACADÊMICA: construção do conhecimento científico

A produção acadêmica é constituinte e constituída pela construção do conhecimento científico. Para o movimento da produção acadêmica é necessário que se atenha a elementos de concepção, sentidos e construções do conhecimento científico. Com o intuito de instigar a produção acadêmica, apresentamos uma discussão sobre o conhecimento científico, a construção da pesquisa e a linguagem acadêmica.

O conhecimento científico

As inquietudes da humanidade fomentam o conhecimento científico desde seus primórdios. Ainda em tempos contemporâneos, podemos encontrar quem associe o conhecimento científico a grandes pesquisas, mas, na verdade, o conhecimento científico é fruto do desenvolvimento da humanidade, desde os tempos pré-históricos com o movimento de identificação dos elementos da vida terrestre e de sua sustentação como o surgimento do fogo e dos instrumentos de trabalho à época.

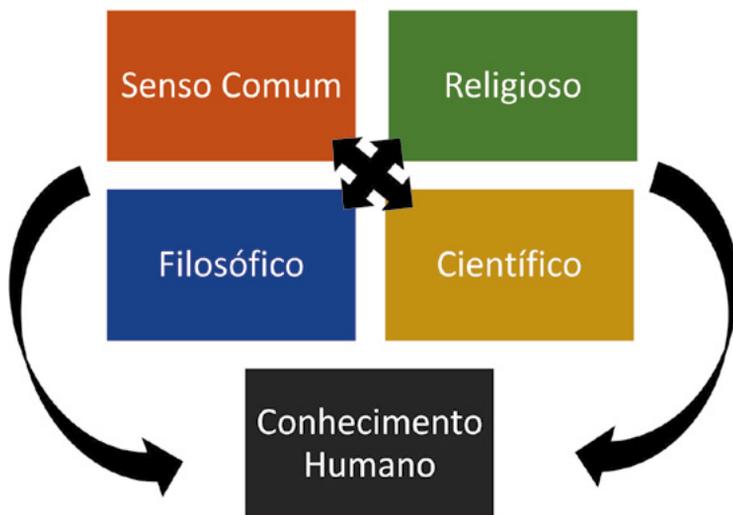
Salienta-se que não foi preciso uma universidade para serem criadas e desenvolvidas as técnicas na pré-história, e sim o instinto de sobrevivência humana. Foram criadas e desenvolvidas várias técnicas, inclusive a escrita e a engenharia, fomentando o surgimento

das cidades. Ao passo que o desenvolvimento técnico se efetivava, conjuntamente eram elaboradas as explicações sobre a razão de ser das circunstâncias. Nesse movimento de explicações, a priori, sobrenaturais do mito, surgem interpretações religiosas e filosóficas que influenciam a humanidade até o presente momento.

No percurso histórico, percebemos a influência de Sócrates, Platão e Aristóteles, dos conceitos gregos de Humanismo e Democracia, da habilidade militar e sistematização do Direito romano. Nesse ínterim, encontramos o predomínio da concepção teológica da Igreja Católica e do princípio da autoridade, abalando e enfraquecendo o espírito crítico e a autonomia do pensamento surgido na antiguidade clássica. Apesar desse movimento, o período histórico seguinte, promove mudanças na elaboração do conhecimento científico, valorizando a crítica e a razão, fomentando a compreensão do homem como sujeito do conhecimento e da construção de sua história, influenciado por Descartes, Kant, Hegel e outros. Na caminhada histórica, por conseguinte, o conhecimento da humanidade possibilitou novas revoluções industriais, pois para mim, a primeira se deu com a criação do fogo. Nesse contexto da história, temos Darwin, Marx, Freud e outros que revolucionaram as concepções e os sentidos do conhecimento humano, principalmente, o científico. No presente momento, temos o domínio do conhecimento científico alicerçado pela tecnologia de ponta.

O movimento real e concreto do conhecimento humano, independente do período histórico, permite inferir que o homem sempre produziu ciência. A cada tempo e espaço, a ciência foi produzida conforme as condições materiais existentes e com a finalidade de sobrevivência ou acúmulo de bens e produtos. Com esse esboço e trazendo a discussão para o campo da academia, podemos dizer que o conhecimento humano se estabelece por quatro movimentos, não necessariamente excludentes, conforme indica Figura 01.

Figura 01 – Tipos de conhecimento humano



Fonte: Vide referências

O conhecimento do senso comum foi o primeiro movimento do conhecimento humano, surgido junto com os homens, na pré-história, nas comunidades tribais que se envolviam com as atividades diárias para a sobrevivência, buscando compreender, por meio da natureza, os fatos que aconteciam. A aprendizagem se dava por pura imitação, com saberes passados de geração a geração, a partir das experiências vividas, em um processo indutivo e baseado nos sentidos: olfato, visão, audição e tato. É um conhecimento arraigado na cultura popular e que permanece até os dias de hoje e sem perder o seu valor. Podemos inferir que o conhecimento do senso comum ou popular é um conjunto de informações que não são sistematizadas e que foram concebidas no cotidiano pelas gerações. O conhecimento do senso comum não precisa de comprovação, sendo marcado pela subjetividade dos sentidos humanos.

O conhecimento religioso se alicerça à medida que a religião passa a influenciar na concepção de mundo das pessoas por meio de explicações para os fatos existentes que se apresentam como verdades absolutas, baseadas em documentos sagrados, propagadas aos fiéis que as seguem pela fé. Essas verdades estão relacionadas às crenças individuais ou culturais, pois, a depender da região, é possível encontrar os seguidores do Alcorão, da Bíblia, dos Vedas entre outros. O conhecimento religioso dispensa comprovação e se apresenta marcado pela subjetividade da fé.

O conhecimento filosófico aparece com a concepção de amor ao saber ou ainda como desejo de saber, com o sentido de autorreflexão para compreensão dos fatos existentes ou por vir. A premissa básica do conhecimento filosófico está na dedução das explicações baseadas em uma coerência lógica advinda da reflexão, não havendo necessidade de constatação experimental, apenas o esforço da própria razão. O conhecimento filosófico não precisa de comprovações e se apresenta marcado pelo esforço da razão e da autorreflexão.

O conhecimento científico se estrutura pela busca de explicações baseadas na razão e na comprovação pela experimentação, a partir de afirmações e teorias universais, de forma sistemática e controladas pela observação e experimentação dos fatos reais e concretos, afastando-se da subjetividade, da fé, dos sentidos e da autorreflexão. O conhecimento científico é a expressão da razão humana pela objetividade da comprovação e se configura socialmente pela pesquisa científica, seguida da validação pelos pares e a consequente divulgação do conhecimento.

Não há intenção de julgar qual conhecimento humano é melhor ou mais profundo, e sim apresentar que existem diferentes conhecimentos e que são construídos por seres humanos que vivem em sociedade. Para alguns pesquisadores as questões de mudanças conceituais estão vinculadas ao conceito de paradigmas e ao

movimento de crise de paradigmas. Mas, acredito que não existe crise de paradigma para romper com o paradigma vigente, que o anula. Acredito que em movimentos distintos, em que uma concepção distinta começa a fazer sentido e se instala concomitante ao já existente. Como foi com os conhecimentos. No caso específico de um grupo de seres humanos, como eu, que pretendemos avançar no campo da ciência enquanto vivemos nessa sociedade, precisamos conhecer os tipos de conhecimento e, para a construção de pesquisas, atermo-nos ao científico.

A construção da pesquisa

Para a produção acadêmica pela construção do conhecimento científico, julgamos importante reforçar que este se efetiva pela pesquisa científica que pode ser conceituada como uma forma de obter conhecimentos com um conjunto de procedimentos que devem ser sistematicamente geridos e alicerçados na razão e na experimentação, no sentido de validar ou avançar nas teorias existentes ou, ainda, de criar novas teorias que promovam a solução de problemas reais e concretos nos diversos campos do saber.

O movimento da pesquisa científica se estabelece pela relação entre o pesquisador, o objeto a ser pesquisado e a literatura existente, considerando as metodologias sistematizadas para coleta e análise de dados, sem a interferência da subjetividade, favorecendo o progresso da ciência em torno de um problema. A pesquisa científica é realizada, em grande maioria, nas Universidades e/ou em espaços específicos de pesquisas e, enquanto uma atividade intelectual, delinea-se com o amadurecimento de técnicas ao longo do processo acadêmico.

Isso significa que um pesquisador científico não se forma do dia para a noite, mas em longo e contínuo processo que pode

ser iniciado nos primeiros contatos com o processo de ensino-aprendizagem e se desenvolver com mais força da iniciação científica na graduação ao pós-doutoramento. Com esse contexto, inferimos que a pesquisa é um processo que precisa ser compreendido como princípio educativo. A pesquisa significa um movimento que tem como objetivo macro avançar fronteiras, romper estruturas já postas, construir novos conhecimentos.

Elementos da atividade intelectual que julgamos necessário discutir são o cientificismo e a objetividade ou neutralidade científica. O conhecimento científico é tido como racional e objetivo, sem interferências dos sentidos, crenças ou subjetividades, sendo, portanto, verificável, palpável, controlável, experimentável ou testável que pode ser descrito, explicado, interpretado ou analisado. Contudo, precisamos considerar certa pseudoconcreticidade no tocante à objetividade do ser que é humano e racional subjetivo, o que fomenta a existência de um mito da objetividade, sendo necessário um esforço racional para a objetivação de sua subjetividade perante os fatos para a produção do conhecimento científico.

O pesquisador como ser humano que é, constituído e constituinte de uma cultura, é também um ser político, o que torna sua pesquisa um fenômeno político diante da busca por conhecimentos emanada de atitudes políticas, visando a elaboração própria e considerando as técnicas e procedimentos para tal fim, pautados na preocupação metodológica. Partindo da pesquisa como princípio educativo, permeado da sistematização do processo e do esforço racional para objetivar as análises, podemos dizer que temos a pesquisa como princípio científico.

Nesse ínterim, é preciso considerar que as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais são realizadas por um ser humano – o pesquisador com seres humanos – os pesquisados, inseridos em seu processo de vida em um contexto real e contraditório.

Isso anuncia que o pesquisador deve considerar as condições histórico-conjunturais para suas análises, não ficando preso ao pragmatismo e ao imediatismo, para evitar interpretações empobrecidas e se aproximar da solidez teórica construída pela dúvida metódica.

Outro ponto de consideração é no tocante a ética em pesquisa, bem como com o processo de envio do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética. O pesquisador precisa ter cuidados éticos ao proceder com a pesquisa, considerando os sujeitos da mesma, a coleta e análise dos dados, a confidencialidade, a não falsificação de dados, o consentimento de uso das imagens e falas, o uso das palavras e gestos durante a coleta de dados, entre outras questões de ética. O projeto de pesquisa que envolve seres humanos precisa ser enviado e aprovado para ser executado pelo Comitê de Ética em Pesquisas/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, vinculado a Plataforma Brasil.

Com esse escopo, inferimos a necessidade de acadêmicos compreenderem como acontece a produção do conhecimento pela pesquisa científica em um movimento cuja importância está em compreender que existem diferentes características, métodos, técnicas de coleta e análise de dados, bem como estilos de trabalhos que advêm de uma pesquisa científica. De forma não intencional, apresentaremos um esboço do que julgamos entendimento básico para se iniciar uma pesquisa científica, que se tornará uma produção do conhecimento para fins de publicação.

No tocante às características da pesquisa científica, apresentamos que esta pode ser delineada mediante finalidade, objetivo, abordagem do problema e procedimentos, conforme indica o Quadro 01.

Quadro 01 – Características da pesquisa científica

Finalidade	Básica	Gera conhecimentos para o avanço da ciência
	Aplicada	Gera conhecimentos para solução de problemas específicos
Objetivo	Exploratória	Explora as informações existentes sobre a temática
	Descritiva	Descreve as informações coletadas sobre o tema
	Explicativa/Analítica	Explica, interpreta e analisa as informações encontradas sobre o tema
Abordagem	Quantitativa	Vale-se da estatística para traduzir opiniões e informações do tema
	Qualitativa	Atribui significados, interpreta e analisa a realidade
	Quanti-qualitativa	Considera os números para interpretar e analisar a realidade
Procedimentos	Bibliográfica	Usa material elaborado como livros, artigos, base de dados e outros
	Documental	Usa documentos, imagens, fotografias e outros
	Empírica	Usa o campo para coletar dados sobre o tema
Forma	Dedutiva	Considera teorias ou levantamento de hipóteses, as testa e valida, por meio de coleta e análise de dados, partindo do geral para o específico, ou seja, da teoria para a empiria.
	Indutiva	Parte de observações do específico para o geral, ou seja, dos dados empíricos para a teoria desenvolvendo temas ou generalizações.

Fonte: Vide referências

O Quadro 01 mostra que uma pesquisa científica na área das Ciências Humanas e Sociais, em grande maioria, pode ser caracterizada como aplicada por sua finalidade; por seu objetivo, como explicativa-analítica; pela abordagem do problema, pode ser qualitativa ou quanti-qualitativa; e por seus procedimentos, pode ser bibliográfica, documental, ou bibliográfica e documental, ou, ainda, somente bibliográfica ou empírica, bibliográfica, documental e empírica ao mesmo tempo.

Convém dizer que a pesquisa empírica pode acontecer de várias formas, tais como: estudo de caso individual ou coletivo, história oral, pesquisa-ação, pesquisa participante, não-participante, dentre outras, conforme Quadro 02.

Quadro 02 – Tipos de pesquisa empírica

Estudo de caso	O estudo de um caso pode ser individual ou coletivo, de um sujeito ou instituição; é, de fato, o estudo de um caso.
História oral	Os dados são coletados por meio da história contada, oralmente, pelo sujeito investigado, podendo ser até uma autobiografia ou biografia.
Pesquisa-ação	Quando o pesquisador é o agente transformador de um objeto, realiza uma intervenção enquanto coleta os dados.
Pesquisa de campo	Se constitui pela coleta de dados diretamente no ambiente natural, podendo pesquisar observações, aplicar questionário ou entrevistas para compreender o objeto.

Fonte: Vide referências

No tocante aos métodos, a pesquisa científica pode seguir o positivismo, a fenomenologia ou o materialismo, conforme Quadro 03.

Quadro 03 – Métodos de pesquisa

Positivismo	August Comte. Sociologia. Parte de fatos ou coisas em si e não das causas. Os fatos devem ser observáveis, controláveis e verificáveis, explicados pela relação entre si, dos fatos ou coisas isoladas e objetivos.
Fenomenologia	Edmund Husserl. Filosofia. Parte da existência humana, do sujeito em si, da intencionalidade, da redução do fenômeno, da essência suspensa ou <i>epoché</i> , do isolamento do fenômeno.
Materialismo	Karl Marx. Filosofia e Sociologia. Parte da historicidade dos fatos, considerando as contradições da prática social real e concreta, historicamente constituída pela política e economia. Analisa as causas dos fatos ocorridos com os sujeitos historicamente situados na contradição existente.
Complexidade	Edgar Morin. Filosofia. Parte da complexidade do objeto como um todo interconectado, de forma holística pela religação do saberes. A complexidade é uma teoria e não um método, pois ainda não foi reconhecido como tal pela ciência. Mas está sendo utilizado em várias pesquisas.

Fonte: Vide referências

Conforme o Quadro 03, os métodos das pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais são a fenomenologia e o materialismo, pelas características específicas de cada método, enquanto o positivismo se aproxima mais das Ciências Exatas, Agrárias e outras.

No tocante às técnicas de coleta dos dados, a pesquisa científica pode ser de observação, questionário, entrevista e enquete, conforme Quadro 04.

Quadro 04 – Técnicas de coleta

Observação	O olhar e a escuta são a base da observação do pesquisador que elabora um diário de bordo para, posteriormente, transcrever e analisar o conteúdo. A observação pode ser participante ou não participante, sistemática ou assistemática, individual ou coletiva, no real ou no laboratório.
Questionário	Uma série de perguntas serão respondidas por escrito pelos partícipes da pesquisa. O questionário pode ser fechado com perguntas objetivas, aberto com perguntas subjetivas ou misto com perguntas objetivas e subjetivas. Os dados podem ser representados por gráficos, tabelas e/ou quadros, com a análise de conteúdo.
Entrevista	O diálogo, a conversação, a fala, e a comunicação verbal e corporal substanciam essa técnica, que pode ser dirigida, estruturada e padronizada ou pode ser semidirigida, não-estruturada e não-padronizada. Deve ser gravada para posterior transcrição literal e análise de discurso.
Enquete	Formulário a ser respondido por partícipes e anotados pelo pesquisador para fins de tabulação.
Participante	Quando o pesquisador interage com o objeto de pesquisa, interferindo e sofrendo interferências, tornando-se um membro que participa das atividades, o que requer uma vigilância constante para evitar expor seus pensamentos e crenças.
Não-participante	Quando o pesquisador não interage com o objeto pesquisado, apenas coleta os dados e se afasta.

Fonte: Vide referências

A depender da pesquisa e do problema elaborado, as técnicas de coleta de dados são delineadas para atender ao(s) objetivo(s) da pesquisa, sendo possível utilizar apenas uma técnica ao longo da pesquisa ou mais de uma, concomitantemente. Para essa decisão, é importante considerar a população e a amostra da pesquisa. Também é imprescindível, antes da coleta de dados, que seja realizado um planejamento minucioso de cada etapa, tanto da

coleta quanto da tabulação e análise, inclusive com testagem dos instrumentos antes da aplicação final.

A partir dos dados coletados, é preciso tabular e decidir como dispor essa tabulação no texto para análise, cujas opções são gráficos, quadros, tabelas, figuras ou representação textual. Para organização e representação textual é possível utilizar algumas ferramentas como o Iramutec, Q-quadrado, MAXQDA, NVivo, Atlas.ti, Zotero, Mendeley, EndNote e outros. Para analisar os dados coletados, é possível se valer da análise de conteúdo, do discurso, dos núcleos de significação, análise temática, análise comparativa, método clínico crítico, método exploratório correlacional, síntese temática, entre outros, conforme mostra o Quadro 05.

Quadro 05 – Técnicas de análise de dados

Análise de conteúdo	Bardin. Enfatiza o conteúdo das mensagens com a pré análise, descrição analítica e interpretação inferencial, considerando o contexto linguístico e histórico. As categorias para análise de conteúdo emergem dos critérios sintáticos, léxicos ou expressivos. Considera a frequência de termos, palavras ou ideias apresentadas no texto, expressando sentidos e significados.
Análise de discurso	Pêcheux. Enfatiza o discurso expresso situado em um contexto sócio-histórico-político-econômico. Importante perceber o sentido e o significado da elaboração da fala, perpassando pelos desejos, instintos, ideologias, repetições, incoerências, omissões e outros elementos.
Núcleos de significação	Aguiar e Ozella. A linguagem do sujeito, ao ser entrevistado, é carregada de sentidos e significados que as palavras podem não traduzir, considerando o processo histórico em sua totalidade, sendo importante ir além do discurso, alcançar o sujeito e seu contexto, considerando a pseudo-concreticidade.
Análise temática	Severino. Ao interpretar o texto visa identificar ideias centrais e secundárias por uma lógica estrutural ou contraditórias, para analisar profundamente as ideias do autor, criando categorias temáticas.

Análise temática reflexiva	Braun e Clarke. Busca identificar padrões ou temas recorrentes para análise, sejam explícitos ou implícitos.
Análise comparativa	Ragin. Prima por avaliar e comparar duas ou mais variáveis de forma sistemática identificando semelhanças e diferenças e padrões.
Método clínico crítico	Piaget. Consiste em uma intervenção sistemática do pesquisador em função do que o participante vai dizendo ou fazendo, investigando o desempenho final dos estudantes e os caminhos percorridos por eles na construção do conhecimento, oferecendo subsídios para a análise das estratégias utilizadas, das hipóteses formuladas e das dificuldades enfrentadas ao longo das atividades propostas.
Método exploratório correlacional	Gil, Vergara e Kerllinger. É uma combinação de abordagens teóricas, sendo que a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e possibilitando a construção de hipóteses e, identificando e analisando relações entre variáveis, possibilitando verificar se mudanças em uma variável estão associadas a mudanças em outra.
Síntese temática	Cruzes e Tiba. É uma abordagem que é frequentemente utilizada na identificação de padrões, análise e projeção de padrões (temas) a partir de dados de pesquisa qualitativa primária.
Design Science Research (DSR)	Dresch, Lacerda e Júnior. É utilizada mais principalmente na área de sistemas de informação, administração, engenharia e computação, mas também na educação e tem como característica a construção de protótipos e o desenvolvimento de artefatos educacionais, de forma interdisciplinar e colaborativa.

Fonte: Vide referências

As técnicas de análise de dados sustentam a metodologia da escrita do texto acadêmico e possibilita a criação de categorias que podem favorecer a expressão da análise dos referidos dados e uma melhor compreensão por parte do leitor. O que se espera é que o conhecimento científico continue avançando e que a construção da pesquisa se efetive de forma que a produção acadêmica se faça presente cada vez mais no processo de aprender.

A linguagem acadêmica

A linguagem acadêmica pode ser considerada um dos entraves para o desenvolvimento de um texto, seja ele artigo, monografia, dissertação ou tese. Cuidados com a escrita do texto final anunciam, entre outras questões, o grau de cientificidade do trabalho. Salientamos a importância de se ater às questões de reconhecimento textual, coesão e coerência, adequação vocabular, clareza, objetividade, consistência, impessoalidade e trato com as normas e regras, aqui de acordo com Associação Brasileira de Normas e Técnicas – ABNT.

Quanto ao reconhecimento textual, destacamos que um texto científico alicerçado na linguagem acadêmica não apresenta linguagem rebuscada, floreada, poética, gíria, ou outros elementos constitutivos de coloquialidade ou que fogem do padrão formal da escrita acadêmica, bem como não apresenta incorreções gramaticais. A presença de um ou mais desses elementos denota que o texto final precisa passar por uma rigorosa revisão textual.

Quanto à coesão, a escrita científica precisa se ater ao nexo que a frase e o período apresentam, tanto quanto ao nexo com a próxima frase ou parágrafo. A coerência exprime uma sequência lógica do texto, para a qual são usados termos conectivos, favorecendo o encadeamento de ideias que compõem a frase, bem como o parágrafo.

Quanto à paragrafação, sugerimos que um parágrafo seja bem planejado e escrito para que não canse o leitor e também para que permita uma compreensão correta dos conceitos, sentidos e significados que foram expressos. Não é obrigatório, mas sugerimos um parágrafo com cerca de 6 linhas, distribuídos em frases curtas com lógica e coesão.

Quanto à adequação vocabular, é fundamental que o pesquisador construa o seu texto visando garantir a cientificidade. Para essa cientificidade textual, inferimos que não seja usado vocabulário que denote senso comum, como os termos: eu acho, penso que,

acredito que, na minha visão, na minha concepção, entre outros, visto que é preciso constatação ou comprovação por referencial teórico ou análise de dados.

Quanto à impessoalidade, é recomendável – e não obrigatório – que o pesquisador escreva seu texto de forma impessoal, com verbos na terceira pessoa, seja do singular ou plural. Além do mais, é necessário que as análises dos dados sejam apresentadas de forma crítica e científica e não de forma agressiva, sônica ou pessoal. O pesquisador não deve expressar sua subjetividade ou agressividade no texto. A impessoalidade e/ou imparcialidade na escrita remete à seriedade e estranhamento do pesquisador.

Quanto à clareza do texto, é importante salientar o uso de palavras adequadas e terminologias corretas para evitar equívocos conceituais ou de interpretações, pois a ambiguidade na compreensão do texto é sinal de pouco cuidado científico. Outro elemento importante no texto para sua clareza é suprimir termos que denotam totalidade ou fim, como por exemplo: todos, tudo, sempre, nunca, jamais, entre outros.

Quanto à objetividade e consistência, a escrita precisa ter uma linguagem desprovida da subjetividade, usando as terminologias que indicam a consistência teórica e que o mesmo entendimento das expressões persista em todo o trabalho. A consistência teórica também pode ser percebida a partir da exposição de citações de autores renomados da área.

Quanto ao trato com normas e regras da ABNT, é imprescindível que o pesquisador domine a ABNT, ou outra norma, a depender da área de pesquisa ou o país que se escreve ou se submete o texto. É preciso ter os cuidados com a letra, tamanho da fonte, espaçamento e margem, bem como com as citações, sejam diretas internas ou externas, sejam indiretas ou paráfrases, assim como com as referências que para cada situação exige uma norma e, com os quadros, figuras, tabelas, entre outras. Grosso modo, apresentamos o Quadro 06 com uma síntese das normas da ABNT.

Quadro 06 – Síntese da ABNT

Margem	3 cm superior e esquerda, 2 cm inferior e direita.
Fonte	Times New Roman ou Arial.
Tamanho da Fonte	12
Espaçamento	1,5 para corpo textual.
Folha	A4
Citação direta	Menor que 3 linhas, dentro do corpo do texto, com aspas. Maior que 3 linhas, recuada a 4 cm da margem, sem aspas, tamanho 10, espaço simples.
Citação indireta	Quando o pesquisador remete à fala do autor sem transcrição literal, parafraçando-o.
Citação de citação	Quando um autor cita a fala de outro autor, que você quer utilizar. O ideal é ir à obra original, mas caso não seja possível, use o termo <i>apud</i> .
Citação de vários autores	A citação de até 3 autores segue a mesma regra, nominando os autores, seguido do ano e página. Mais de 4 autores, nomina-se apenas o primeiro seguido do termo <i>et al.</i>
Resumo	Espaço simples.
Nota de rodapé	Tamanho 10 e espaço simples.
Títulos	Títulos caixa alta e negrito, subtítulos caixa baixa e negrito, tamanho 12.
Texto	Justificado.
Referências	Espaço simples entre linhas, espaço duplo entre obras, alinhado à esquerda, em ordem alfabética, sem abreviações do primeiro nome do autor.
Forma	Texto justificado, título centralizado e demais itens alinhados à esquerda. Título e itens caixa alta e subtítulos caixa baixa, sendo aceito tudo caixa baixa.
Fim de citação	O ponto final é na frase e não na citação.

Fonte: Vide referências

A ABNT apresenta vários documentos que tratam das regras dos elementos de publicação. O Quadro 07 apresenta a numeração da ABNT, o ano e a temática.

Quadro 07 – Numeração da ABNT

NBR 6033	1989	Ordem alfabética
NBR 6032	1989	Abreviações de títulos de periódicos e publicações seriadas
NBR 6025	2002	Revisão de originais e provas
NBR 10520	2002	Citações em documentos
NBR 6024	2003	Numeração progressiva das seções de um documento escrito
NBR 6027	2003	Sumário
NBR 6028	2003	Resumos
NBR 12225	2004	Lombada
NBR 6034	2005	Índice
NBR 6029	2006	Livros e folhetos
NBR 10719	2011	Apresentação de relatórios técnicos-científicos
NBR 14724	2011	Trabalhos acadêmicos
NBR 6022	2018	Apresentação de artigos e periódicos
NBR 6023	2018	Referências
NBR 10520	2023	Citações

Fonte: Vide referências

Para melhor elucidar, segue um exemplo de citação direta com mais de 3 linhas completas, conforme Figura 02.

Figura 02– Citação direta longa

Nessa linha de pensamento, as relações sociais baseadas no trabalho, evoluíram ao longo dos anos, passando pelos modos de produção do escravismo, do feudalismo até chegar ao capitalismo comercial e, posterior ao capitalismo industrial e seus subsequentes. A partir do modo de produção capitalista as relações de trabalho foram marcadamente de alienação e reprodução social. Com base nesse cenário, a educação se estabelece.

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua riqueza aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria, e justamente nessa proporção com que produz bens (Marx, 1964, p. 159).

Fonte: Kochhann (2019, p. 137)

Para melhor elucidar, segue exemplo de citação direta menor que 3 linhas completa, conforme Figura 03.

Figura 03 – Citação direta curta

Nos anos 1980 a vertente histórico-crítica ganhou lugar no Brasil, trazendo novos rumos pra a produção pedagógica. As visões dentro dessa vertente eram de produção crítica por meio do materialismo dialético. No Brasil foi Dermeval Saviani, que defendia seus ideais por meio dessa vertente. Para Saviani (2008a, p. 56) “A *pedagogia histórico-crítica* vai tomando forma à medida que se diferencia no bojo das concepções críticas; ela diferencia-se da visão crítico-reprodutivista, uma vez que procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista” (Grifos do autor ou grifos meu).

Fonte: Kochhann (2019, p. 139)

Caso o autor tenha chamado a atenção para uma palavra ou parte da citação mantenho tal como está escrito e por isso é preciso colocar grifos do autor, mas se eu que estou escrevendo o texto utilizo uma citação e quero chamar atenção de uma palavra ou trecho, coloco grifos meu.

O uso da letra “a” ou “b” junto ao ano do autor significa que você utilizou mais de uma obra do referido autor do mesmo ano e para diferenciá-las usa das letras minúsculas, tanto no corpo do texto quanto nas referências.

Para melhor elucidar, segue exemplo de citação indireta ou paráfrase, conforme Figura 04.

Figura 04 – Citação indireta

A alienação para Marx, apontada por Magalhães (2015) é a desvalorização humana, no sentido de que o produto produzido pelo trabalhador pertence a outrem que vive do ócio. As críticas que Marx (1979) fazia em relação ao capitalismo, que na época era industrial, no sentido da miséria e alienação, permanecem até hoje, que o capitalismo é tecnológico. Por isso, é preciso não somente interpretar o mundo, mas transformá-lo. Para tal, é preciso uma práxis revolucionária como defendia Marx (1979).

Fonte: Kochhann (2019, p. 137)

Outro ponto que chama muito a atenção na escrita científica, são as regras para as referências. Observe a escrita do título, subtítulo, edição, cidade, editora, ano, organização, os espaços entre as palavras, linhas e obras. Assim, seguem algumas formas de referência, conforme Figura 05.

Figura 05 – Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sérgio.
Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**.
Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

BRASIL. Resolução CNE/CES n. 07, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei

nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Diário Oficial da União - DOU nº 243, 19.12.2018, Seção 1, p. 49 e 50.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica**: o ensino superior na República Populista. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KOCHHANN, Andréa e CURADO SILVA, Kátia Augusta Cordeiro Pinheiro. Formação docente e extensão universitária: concepções, sentidos e perspectivas. In: REIS, Marlene Barbosa de Freitas e LUTERMAN, Luana Alves (Org.). **Interdisciplinaridade na educação**: redimensionando práticas pedagógicas. Anápolis: UEG, 2017.

Fonte: Kochhann (2019, p. 300-392)

Na maioria dos casos de citações nas referências de revistas ou documentos eletrônicos é solicitado o link no qual pode ser encontrado, bem como a data de acesso.

Geralmente as instituições, editoras e periódicos lançam dossiês, editais ou normativas específicas referentes às normas da ABNT, apresentando *templates* e informações básicas a serem seguidas. Contudo, na falta das normativas institucionais, seguimos a ABNT, conforme as Referências desse livro.

A gestão do tempo e do conhecimento

Também julgo importante para que o pesquisador alcance, de forma favorável, a produção acadêmica que seja feita a gestão do tempo e do conhecimento, pela auto-organização. Algumas pessoas precisam de ajuda de um profissional para organizar sua agenda, mas o ideal é que aprendam a fazer essa gestão, já que precisarão dela para toda a vida. Há quem faça a organização da agenda mentalmente, no celular ou na agenda física. Contudo, oriento que seja feita uma organização na agenda com mais detalhes.

A auto-organização do tempo e do conhecimento pela agenda que sugiro é algo mais detalhado e pensado. O tempo para todos é igual no quesito horas, porém é individual no seu desenvolvimento. Sugiro uma agenda física. Comece anotando todas as suas demandas do ano, como aniversários que, com certeza, estará presente; eventos já previstos; envio de artigos já previsto; viagens e demais atividades previstas ao longo do ano etc. Anote as demandas particulares do mês, como médico, campeonatos e outras. Anote as demandas da semana, como supermercado, farmácia, atividades do final de semana, academia, jantares e outras. Anote as demandas profissionais.

Pode parecer demasiado, mas anotar todos os detalhes no começo é importantíssimo para que seja feito o exercício de pensar na ação, considerando o potencial e o tempo. Aos poucos, esse planejamento se torna automático e constante. A agenda do dia deve começar com o horário que se deve acordar, valendo-se do celular ou outro meio para despertar, caso seja necessário para a pontualidade e cumprimento da primeira tarefa do dia. O planejamento do horário de dormir na noite anterior é muito importante, considerando o horário de acordar no dia seguinte, respeitando o corpo com as horas de sono que ele precisa, ou seja, de 6 a 8 horas de sono saudável por noite.

Para o sucesso do planejamento, desde o início, é importante pensar no tempo que será gasto com a higiene pessoal, a escolha de roupas, o café da manhã, tudo com um tempo que seja exequível; inclusive, se o trabalho for longe ou perto de casa, calcule o tempo com garantia de chegar na hora e com calma. Organizar as tarefas por prioridade e calcular o tempo necessário para fazer todas com cautela é imprescindível para o sucesso do planejamento, assim como também pensar no tempo das refeições e o que pode ser feito durante o intervalo dessas refeições para descansar a mente e o corpo ou adiantar as demandas, para quando chegar em casa poder curtir a família.

É preciso compreender que 15 minutos com qualidade é melhor de 1 hora sem tal preocupação. Viver intensamente o que está sendo feito é uma forma de buscar a qualidade do tempo. Outra forma de agregar qualidade ao tempo de realização de atividades intelectuais é a prática de exercícios físicos, a alimentação saudável e, sem dúvida, beber muita água. Ter vida social também é importante, assim como ter contato com a natureza, meditar, assistir a um bom filme, assistir a um esporte, ouvir músicas mais tranquilas, ler um livro, conversar com os amigos. Para as mulheres, é importante – àquelas que gostam – arrumar o cabelo, pintar as unhas, receber massagem corporal, bronzear-se. Em caso de não gostar desse tipo de atividade, é bom descobrir o que é prazeroso e fazer a gestão da agenda, envolvendo todas essas questões.

A gestão do tempo precisa considerar todos os afazeres de cada dia, calculados a cada hora para não deixar de ser realizada nenhuma demanda. Inclusive, não se pode anotar as demandas profissionais ou acadêmicas no dia de serem entregues, enviadas ou postadas. É preciso pensar na realização dessa demanda no tempo e no potencial intelectual que, realmente, será gasto para sua produção, revisão e entrega. Tudo, exatamente tudo, precisa ser anotado na agenda com os dias, os horários e a quantidade de horas destinadas à produção ou execução, e não somente o dia de lançamento

ou entrega. Quem trabalha ou faz uso de sistemas ou plataformas on-line precisa pensar que esse sistema pode ficar pesado, estar fora do ar ou pode haver falhas ou falta de internet para finalizar as demandas. Tudo isso é possível e precisa ser previsto.

A gestão do conhecimento passa pela gestão do tempo. Quem deseja ingressar em um programa de mestrado ou doutorado, ou quem já está no stricto sensu, precisa produzir e o tempo passa a ser ainda mais precioso. Pensar na produção de um artigo ou de um projeto de pesquisa, significa 3, 6, 9 ou 12 meses, a depender das singularidades de cada sujeito e da revista, editora ou instituição. Mas, grosso modo, depende mais das singularidades de cada sujeito, de sua capacidade de escrita, do conhecimento acumulado, da organização de ideias e do tempo disponível para a leitura e a escrita.

Quando se fala em gestão do tempo e do conhecimento para mestrado, doutorado ou concursos, é preciso considerar a necessidade de um currículo pulverizado. Oriento a avaliação do currículoattes, pensando que muitas atividades que são realizadas não tem um valor de pontuação elevado, como por exemplo, participar de eventos apenas como ouvintes ou de cursos de formação de curta ou média duração. É preciso produzir, participar de eventos com comunicação oral e publicação de resumos simples, expandidos, capítulos de livros e, principalmente, artigos em Anais com ISSN¹.

Para a melhor construção do currículo, é preciso ter gestão do tempo para produzir e enviar para a avaliação e posterior apresentação no evento e publicação. Assistir palestras é bom; mas ministrar palestras pontua mais. Produzir materiais didáticos também pontua muito, assim como participar de projetos de pesquisa e de extensão, de monitorias e de bancas avaliativas de

1 ISSN (International Standard Serial Number ou Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas). Registro único e exclusivo para o título de determinada publicação periódica.

monografias. É necessário rever os conceitos de currículo *lattes*, pois o que foi feito há cinco anos, já não pontua mais; o currículo deve ser pulverizado e alimentado ano a ano, pois é vivo.

Para isso, oriento a organização de um plano acadêmico e financeiro, alicerçado na gestão do tempo, no currículo pulverizado, na singularidade de cada um, na disponibilidade financeira para participar de eventos, publicação ou aquisição de materiais de estudo, incluindo cronograma de efetivação. O plano acadêmico e financeiro pode ser feito para 4 meses ou até para 2 anos, a depender do objetivo a ser alcançado e das condições reais dos sujeitos. Isso dependerá da auto-organização.

A auto-organização da vida pela gestão do tempo e do conhecimento se torna imprescindível para alcançar objetivos pessoais e profissionais, além de mais qualidade de vida. Aprender a se organizar pela gestão do tempo não é incentivo a produzir como mais valia ou alienação, mas a produzir com qualidade pela qualidade de vida. O mestrado ou doutorado, faz parte da sua vida, mas não é a sua vida.

Para favorecer a qualidade de produções acadêmicas, além dos cuidados acima apresentados, é importante a elaboração do que chamo de quadro de coerência que pode ser usado para o planejamento de um artigo, um projeto de pesquisa, uma dissertação ou tese e também do estado da arte que pode ser usado na justificativa da escolha do objeto ou uma subseção do artigo, da dissertação ou da tese.

O QUADRO DE COERÊNCIA: construção do conhecimento científico

Ao passo que compreendemos algumas questões inerentes à concepção da produção acadêmica com o sentido de construção do conhecimento científico pela pesquisa científica e considerando a linguagem acadêmica, apresentamos que se torna relevante a elaboração do quadro de coerência.

O quadro de coerência

Esse é um procedimento que utilizo para favorecer a coerência entre os elementos que compõem a escrita de um trabalho científico, seja um artigo ou um projeto de pesquisa, conforme Figura 06.

O quadro de coerência parte da escolha de um objeto de investigação que se apresenta como um problema social e que precisa ser resolvido. O objeto, tema ou assunto de investigação precisa ter sentido para a população e não somente para o pesquisador, já que o pesquisador é um instrumento social.

A partir da escolha do objeto, é preciso delimitá-lo que significa situá-lo no tempo e no espaço. Não é possível uma investigação de todos os aspectos de um objeto. Assim, reduzimos o mesmo para possibilitar a realização da pesquisa. Nesse contexto,

é preciso apresentar a justificativa, que são os motivos para a escolha do tema e a delimitação do objeto da pesquisa, principalmente por questões sociais, políticas e econômicas, além de pessoais, acadêmicas e profissionais.

Figura 06 – Quadro de coerência

QUADRO DE COERÊNCIA		
TÍTULO		
OBJETO	DELIMITAÇÃO DO OBJETO	JUSTIFICATIVA
PROBLEMA		OBJETIVO GERAL
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	BASE TEÓRICA
CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA		HIPÓTESE
MÉTODO		
DISCUSSÃO TEÓRICA		

Fonte: Vide referências

Na sequência, elaborase o problema que é uma pergunta que se deseja responder ao longo da pesquisa. A problemática pode ser facilmente reconhecida, mas a elaboração da pergunta problema não é tão simples e rápida de ser elaborada. Depende muito do amadurecimento do pesquisador e da própria maturação da pergunta. Essa pergunta é o elemento básico de todo texto e, para tanto é preciso ser bem elaborada e representar a grandiosidade da pesquisa.

É possível apresentar um desmembramento do problema em vários questionamentos singulares. A elaboração dessa pergunta vai ao encontro do método da pesquisa; portanto, é importante lembrar que o mesmo objeto pode ser pesquisado pelos vários métodos e que a pergunta já anuncia o método que norteará a pesquisa e a escrita acadêmica.

Após a elaboração do problema, são elaborados a hipótese e o objetivo geral. Não é obrigatória a elaboração da hipótese, isso depende do método. A hipótese é a suposta resposta ao problema antes da investigação ocorrer. O pesquisador pode corroborar ou refutar a hipótese. A pesquisa não será melhor ou pior mediante corroboração ou refutação da hipótese. O objetivo geral precisa ser totalmente coerente com o problema e, para isso, sugiro copiar o problema e transformá-lo em uma frase afirmativa, bem como um verbo no início do objetivo para que este represente a intenção ou ação da pesquisa. Igualmente, é importante utilizar os verbos adequados ao método da pesquisa, lembrando que os verbos dos objetivos de uma pesquisa científica são diferentes dos verbos de um projeto de ensino ou de um projeto de extensão.

Para alcançar o objetivo geral, elegem-se os objetivos específicos que representem as etapas da pesquisa, o que se pretende alcançar em cada etapa também em consonância com o método da pesquisa. Sugere-se que cada objetivo específico possibilite a escrita de um capítulo ou de um item da escrita acadêmica. Assim, o pesquisador não corre o risco de não alcançar os objetivos propostos. É preciso tomar cuidado com a escolha dos verbos pois, eles indicam o tipo de pesquisa e o método. Ademais tem verbos que denotam superficialidade ou aprofundamento de análises.

Não existe um número exato de objetivos específicos. Contudo, sugiro que sejam pensados de três e seis objetivos que representem uma ação intelectual. Alguns verbos que são usados

podem sugerir uma pesquisa quantitativa ou qualitativa: identificar, classificar, discutir, discursar, arrolar, interpretar, reunir, demonstrar, examinar, comparar, articular, organizar, explicar, discutir, apresentar, interpretar, apreciar, compreender, analisar, avaliar, entre outros. A partir da elaboração dos objetivos específicos, são escolhidos os instrumentos metodológicos e, para isso sugiro que, para cada um dos objetivos, sejam escolhidos instrumentos que viabilizem a coleta de dados e o alcance do objetivo. Os instrumentos ou metodologia podem ser usados para a coleta de dados teóricos ou empíricos.

Consoante com as metodologias escolhidas, elege-se a base teórica de sustentação da pesquisa. A base teórica é a composta por um autor clássico ou por vários autores que vão sustentar a investigação e as análises. A escolha do título deve estar coerente com o problema e com o objetivo geral. Inclusive, o título também anuncia o método da pesquisa. A escolha do método se torna importante por ser o caminho que a pesquisa irá percorrer.

A discussão ou fundamentação teórica deve estar com consonância com as etapas anteriores. Escolhida a base teórica, é importante escrever um texto dissertativo com citações diretas e indiretas que comporá o artigo ou projeto de pesquisa. A base teórica e a escrita da discussão teórica deve estar em consonância com a base do possível orientador ou da linha de pesquisa, no caso de mestrado ou doutorado e com o dossiê no caso de artigos para capítulos de livros ou periódicos.

Um dos equívocos da produção acadêmica é a incoerência entre objeto, problema, objetivos e metodologia. Para evitar essa incoerência, sugiro o preenchimento do quadro de coerência com cautela, retomando por várias vezes, antes de efetivar a escrita, seja do artigo ou do projeto de pesquisa, que pode vir a ser uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado. Cuidado para não fazer uma miscelânea de autores de linhas teóricas ou métodos distintos. Salve se esse for o propósito da escrita.

Socializando um quadro de coerência

O preenchimento do quadro de coerência prima por favorecer a coerência da escrita acadêmica. Escolher um periódico ou evento ou dossiê de capítulo de livro é um cuidado importante que preciso ter. Alguns pesquisadores têm seu texto reprovado porque não atende ao tema do periódico, do evento ou do dossiê. O quadro de coerência trazido aqui como um modelo, pode ser para a escrita de um artigo científico a ser submetido a um periódico, a um evento ou como capítulo de livro. Nesse caso, em específico, o quadro foi construído para o capítulo de um livro, como mostra a Figura 07, cujo dossiê temático da editora E-Publicar foi “Ensino híbrido: estratégias orientadas para aprendizagem”.

Figura 07 – Quadro de coerência para artigo

QUADRO DE COERÊNCIA		
TÍTULO		
O ENSINO HÍBRIDO: estratégias orientadas para aprendizagem no Ensino Superior		
OBJETO	DELIMITAÇÃO DO OBJETO	JUSTIFICATIVA
O objeto dessa pesquisa é o ensino híbrido.	Delimitado do ensino híbrido como estratégias para a aprendizagem no Ensino Superior.	O tema se justifica pelo fato de o ensino híbrido ter sido colocado em voga no último ano devido a pandemia da COVID – 19 e pelas autoras serem docentes do Ensino Superior, adeptas do ensino híbrido.
PROBLEMA		OBJETIVO GERAL
Assim o problema é “Como as práticas de ensino híbrido tem ocorrido no Ensino Superior?”.		O objetivo geral é apresentar como as práticas de ensino híbrido tem ocorrido no Ensino Superior.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	BASE TEÓRICA
1. discutir o conceito de ensino híbrido	Bibliográfica	Moran (2007), Valente (2005, 2014)...
2. apresentar possíveis estratégias de ensino híbrido	Bibliográfica	Pretto e Silveira (2013), Silva (2012)...
3. realizar o mapeamento de teses e dissertações que tratam da temática	Mapeamento	Estado da Arte na CAPES
4. analisar os trabalhos que se aproximam com o tema deste artigo	Análise do mapeamento	Estado da Arte na CAPES
CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA		HIPÓTESE
Caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, quanti-qualitativa e teórica, bibliográfica com realização do estado da arte. Para o embasamento teórico valer-se-á de autores como Moran (2007), Valente (2005 e 2014), Silva (2012), Pretto e Silveira (2013), entre outros. Para o estado da arte na CAPES, usando o descritor “Ensino Híbrido”, nos últimos 5 anos, em mestrado e doutorado acadêmicos, em Ciências Humanas e Educação.		O ensino híbrido tem ocorrido de maneira fragilizada por falta de conhecimentos dos pares.
MÉTODO		
A pesquisa se aproxima da perspectiva materialista histórico-dialética, pela contradição, totalidade e mediação.		

(Continuação)

DISCUSSÃO TEÓRICA
<p> Ao longo da história da educação vemos um ensino caracteriza-se pelo conteudismo, com fixação e memorização. Esse ensino é classificado como método tradicional, que separa o conteúdo da realidade e experiência do aluno, que por sua vez ouve, copia e decora. Com o passar dos anos e das mudanças ocorridas na sociedade este ensino passa a ser questionado. Na linha de um método emergente, as atividades começam ser em grupo, com debates, de forma lúdica e com experiências, trazendo o aluno como parte do processo, que por sua vez fala e executa as atividades. Pouco a pouco pode-se dizer que esse processo está tomando a escola ativa, segundo Silva (2012), fomentando uma ruptura no modelo tradicional.</p> <p> Além do aluno ser ativo no processo de aprendizagem, o uso de tecnologias como ferramentas metodológicas tem crescido, possibilitando a mudanças no sentido de existir uma cultura digital que “inclui reorganizações de língua escrita e falada, as ideias, as crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, métodos de trabalho, arte, religião, ciência, enfim, todas as esferas da atividade humana” (PRETTO; ASSIS, 2008, p. 78).</p> <p> Essas tecnologias passam a ser utilizadas não somente na sala de aula, mas em casa. Valente (2005, 2014) apresenta que com o passar dos anos o ensino passou a desenvolver métodos como <i>e-learning</i>, <i>web-based education</i>, <i>on-line education</i>, <i>virtual classroom</i>, entre outros. Atualmente, com a COVID – 19, o ensino passa a ser fortemente influenciado por esses métodos, ocasionando o ensino híbrido, misturado ou <i>blended</i>.</p>

Fonte: A autora em suas assessorias (2021). Pela norma da ABNT de 2023 seria (Preto; Assis, 2008, p. 78).

O quadro de coerência da Figura 08 alicerçou a escrita do meu projeto de pesquisa para o doutorado, constituiu o resumo e também a introdução da tese, considerando cada momento com sua peculiaridade.

Figura 08 – Quadro de coerência para projeto de pesquisa

QUADRO DE COERÊNCIA		
TÍTULO		
FORMAÇÃO DOCENTE E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: tessituras entre concepções, sentidos e construções		
OBJETO	DELIMITAÇÃO DO OBJETO	JUSTIFICATIVA
O objeto dessa pesquisa foi a formação docente.	Delimitado na formação do pedagogo da Universidade Estadual de Goiás (UEG) em projetos de extensão universitária em andamento no ano de 2018.	Variados motivos de cunho acadêmico e profissional justificam investigar a formação inicial no curso de Pedagogia. Defendemos que o docente deve ser formado com uma visão crítico-emancipadora e não reprodutora das relações de produção. O motivo para a delimitação em investigar a UEG parte do pressuposto de que esta apresenta características notadamente específicas das demais instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás, visto que é uma universidade pública, gratuita, <i>multicampi</i> e principalmente, interiorizada. Esta interiorização é a marca registrada enquanto democratização do saber acadêmico antes elitizado, pois se configura em 41 <i>Campi</i> e 10 polos espalhados por 45 cidades do estado.
PROBLEMA		OBJETIVO GERAL
O problema dessa pesquisa foi “Quais as perspectivas e os limites da extensão universitária na formação de professores do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás?”.		O objetivo geral foi analisar as perspectivas e os limites da extensão universitária como possibilidade de atividade crítico-emancipadora na formação inicial de professores do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, considerando a concepção e o sentido para a construção da mesma.

(Continuação)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	BASE TEÓRICA
1- apresentar os limites e as perspectivas da formação docente pela extensão universitária, encontrados nos trabalhos pelo Estado do Conhecimento concepção crítico-emancipadora	Mapeamento e análise	Estado da Arte ou Conhecimento na CAPES, SciELO , Eventos nacionais e outros
2- historicizar e discutir a universidade, a extensão universitária, o curso de Pedagogia e a UEG mediante a questão da sua concepção e sentido, e da indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão	Bibliográfica documental	Forproex (2012), Faria (2001), Castro (2004), Souza (2000), Siverca (2013), Botomé (1996), Reis (1996), Jezine (2002) e outros Leis, Resoluções, Planos Nacionais de Educação e de Extensão Universitária.
3- discutir questões teóricas que sustentam a práxis crítico-emancipadora quanto à concepção e sentido da ação extensionista enquanto uma construção no processo formativo	Bibliográfica	Gramsci (1979, 1991, 1995, 2000, 2010), Sanchez Vasquez (2011), Saviani (2000, 2007), Gasparini (2014), Gadotti (2010) e Curado Silva (2011, 2015)
4- analisar as ações de extensão universitária vinculadas ao curso de Pedagogia da UEG executados no ano de 2018, para compreender as concepções e sentidos da extensão universitária no processo formativo inicial, considerando os limites e perspectivas, visando apresentar a possibilidade de construção de uma extensão universitária na concepção crítico-emancipadora	Documental e empírica com estudo de caso no curso de Pedagogia da UEG, com análise do currículo, dos projetos de extensão e entrevistas semiestruturadas com acadêmicos e coordenadores.	Projetos, Relatórios e Entrevistas. A vertente analítica das entrevistas foi dos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2013).

CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	HIPOTESE
Caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, quanti-qualitativa, teórica, documental e empírica como estudo de caso. Apresenta como <i>corpus teórico</i> a concepção materialista histórico-dialética na pesquisa em Marx (1979, 1987) e Kosik (1976); também em Marx (1979, 1987) a fundamentação do trabalho ontológico e suas contradições temporais e espaciais do trabalho como princípio educativo, pela totalidade e contradição, permeada pela mediação; em Gramsci (1979, 1991, 1995, 2000, 2010), Sanchez Vasquez (2011), Saviani (2000, 2007), Gasparini (2014), Gadotti (2010) e Curado Silva (2011, 2015) sobre <i>omnilateralidade</i> , emancipação, tendência histórico-crítica e epistemologia da práxis, em Saviani (2006, 2008, 2009) sobre a universidade brasileira e o curso de Pedagogia; em Forproex (2012), Faria (2001), Castro (2004), Souza (2000), Siverca (2013), Botomé (1996), Reis (1996) e Jezine (2002) quanto às questões da extensão; e foram analisadas leis, resoluções, planos nacionais de educação e de extensão universitária. O <i>corpus empírico</i> se constituiu da análise do currículo do curso de Pedagogia, dos documentos institucionais da UEG, dos projetos de extensão executados em 2018 e seus relatórios, e das entrevistas semiestruturadas com os acadêmicos e os coordenadores dos projetos. A vertente analítica das entrevistas foi dos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2013).	Entendemos que tanto como perspectiva quanto como limite a extensão universitária no processo formativo pode vir a ser para a manutenção ou emancipação das relações sociais, a depender das concepções e sentidos pelos pares e construções efetivadas.
MÉTODO	
A pesquisa seguiu a perspectiva materialista histórico-dialética – filosofia da práxis e emancipação em Marx e Gramsci . A concepção materialista histórico dialética na pesquisa em Marx (1979, 1987) e Kosik (1976); também em Marx (1979, 1987) a fundamentação do trabalho ontológico e suas contradições temporais e espaciais do trabalho como princípio educativo, pela totalidade e contradição, permeada pela mediação.	

(Continuação)

DISCUSSÃO TEÓRICA

A extensão universitária é considerada como uma das funções das Instituições de Ensino Superior, relacionada à sua prática indissociável com o ensino e a pesquisa. Apesar de ser vista como uma dimensão de menor expressão dentro das universidades, ou da visão simplista da função de retorno à comunidade não acadêmica na forma de oferta de programas e projetos, a extensão universitária vem sendo realizada, principalmente nas instituições públicas, e carece de estudos que relacionem essa dimensão ao tripé e à formação docente.

Parte-se do pressuposto de que a extensão universitária precisa ser compreendida enquanto princípio educativo, pois o trabalho educativo ou pedagógico precisa ocorrer nas atividades dos projetos de extensão, caso contrário se configura apenas como prestação de serviço ou assistencialismo. A extensão como princípio educativo está prevista no Fórum dos Pró-Reitores das Universidades Públicas do Brasil – FORPROEX (2012) – quando a anunciam como processo acadêmico que tem relação direta com a transformação social. A extensão entendida como trabalho é exercida coletivamente por sujeitos vinculados à universidade e à comunidade, num processo de conhecimento e ação sobre a realidade objetiva que demanda de uma organicidade processual e temporal. Nessa perspectiva, é possível um processo educativo, científico, técnico e cultural que se articule com o ensino e a pesquisa em forma indissociável no contexto das relações dinâmicas e transformadoras entre universidade e sociedade, pelo trabalho como princípio educativo. Pensando a extensão universitária nessa configuração no processo formativo e considerando a totalidade, a contradição e as mediações, os acadêmicos podem vir a ter uma formação omnilateral e emancipada.

O homem¹ enquanto ser ontológico se faz também pelo trabalho. Para Gadotti (2010, p. 147) “O que determina as opções do indivíduo não é a natureza humana genérica, mas a formação histórico-social.” O autor continua afirmando que “O homem é o que ele faz socialmente: ele não é, torna-se.” (p. 125). Esse tornar-se homem se dá também pelo trabalho que é a categoria fundante das relações sociais. Portanto, o trabalho é ontológico. Para além do trabalho ser ontológico, o é também teleológico, conforme Lukács (1979). O trabalho é teleológico por haver intencionalidade, planejamento e propósitos, pois o homem não é genérico e acabado, “não somente como dado e meramente representado, mas agora também concebido na sua totalidade real, conceituada” (LUKÁCS, 1979, p. 88). Isso pode promover transformações internas e externas do ser social, por uma ontologia materialista tornada histórica, expressa no trabalho educativo e pedagógico, podendo ocorrer na universidade e nas atividades de extensão.

Entendemos que o trabalho como ontológico e teleológico em Marx (2010) se configura nos espaços e relações sociais pelo princípio educativo. Assim, esse princípio pode se expressar em toda sociedade enquanto trabalho educativo e, mais especificamente na escola, enquanto trabalho pedagógico que também é trabalho não material. Entendemos que a extensão universitária no processo formativo pode vir a ser para a manutenção ou emancipação das relações sociais, tornando-se, a nosso ver, um importante elemento de análise. Nosso intuito é organizar o percurso de discussão sobre formação docente e extensão universitária, valendo-nos das concepções, sentidos e construções de uma práxis crítico-emancipadora² perante os limites e as perspectivas que apresentam.

¹ Usaremos neste trabalho a terminologia “homem” para designar tanto os homens quanto as mulheres.

² A concepção de práxis crítico-emancipadora, segundo a discussão de Curado Silva (2015) alicerçada em Gramsci e Vygotsky, que considera a unidade teoria e prática de firma crítica que promova a emancipação humana.

Fonte: Kochhann (2019, p. 18-22). Pela norma da ABNT de 2023 seria (Lukács, 1979, p. 88).

A elaboração desse quadro é, como o próprio nome indica, para manter a coerência e, para isso, é preciso ter claro os elementos básicos que compõem um projeto. Alguns pesquisadores, ao elaborarem um projeto, mudam palavras no resumo e na introdução, provocando incoerências. Existem pontos que não podem ser mudadas as palavras, ocorrendo, de fato, uma repetição, o que não denigre o trabalho, pelo contrário, possibilita a coerência. Considerando os elementos do quadro de coerência, após várias análises, olhares e realinhamentos, é possível julgá-lo coerente e condizente com o que se pensa em escrever no artigo ou no projeto de pesquisa, seja para monografia, dissertação ou tese.

É importante que o pesquisador deixe de lado o quadro de coerência por alguns dias para o retorno à leitura e análise. Chamo isso de afastamento do objeto ou texto ou escrita. Esse movimento possibilita o estranhamento do pesquisador em relação ao que produziu. Assim, retoma o texto com o distanciamento que julgo importante para um olhar crítico e avaliativo do que foi produzido, facilitando correções antes de prosseguir para a próxima etapa que pode ser a escrita do artigo, dos projetos e até mesmo da produção da dissertação ou tese.

O ESTADO DA ARTE: construção do conhecimento científico

Ao passo que compreendemos algumas questões inerentes à concepção da produção acadêmica com o sentido de construção do conhecimento científico, considerando a linguagem acadêmica e a elaboração do quadro de coerência, podemos avançar no tocante ao estado da arte, no movimento de mapeamento, organização e análise dos dados. Uma forma de justificar a escolha do tema e sua delimitação pode ser pelo estado da arte. Também pode ser uma subseção de artigo ou um capítulo da monografia, da dissertação ou da tese.

O estado da arte

O estado da arte é um instrumento de pesquisa que pode ser muito utilizado e ser feito por um mapeamento dos trabalhos já produzidos sobre a temática em questão, realizando uma busca no banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), Scopus, Web of Science, Google Acadêmico, também em Anais de eventos, e em outras plataformas confiáveis quanto à produção e/ou divulgação de trabalhos.

O objetivo do mapeamento é conhecer o que as pesquisas têm apresentado sobre o objeto da investigação para que a

pesquisa possa encontrar os achados e principalmente as lacunas, para trazer algo de novo sobre o objeto, avançando no conhecimento. Isso evita que a pesquisa seja desclassificada por não ser interessante ou não apresentar evolução quanto ao objeto. Cada pesquisa precisa trazer algo de inédito sobre o objeto.

No caso de mestrado o ineditismo pode ser a partir das análises teórico-empíricas, sem apresentar uma tese de fato, mas uma síntese aprofundada. No doutorado o aprofundamento das discussões precisa ser intenso e de forma obrigatória apresentar/comprovar uma tese sobre o objeto. A característica da tese se assemelha a criação de uma teoria quanto ao objeto.

Antes de apresentar o movimento do estado da arte, gostaríamos de apresentar alguns pontos que podem ser importantes para o pesquisador. É possível identificar uma diferenciação entre bibliometria, e estado do conhecimento. A fundamentação é a mesma, pois prima por mapear a condição atual de determinado objeto de pesquisa. A análise dos dados desse mapeamento pode ser mais quantitativa, ou qualitativa ou, ainda, quanti-qualitativa. As análises de minha pesquisa de doutorado foram que realizadas considerando o método materialismo histórico-dialético.

O estado da arte também é conhecido como estado da questão, estado do tema ou estado do problema. Pode ser conceituado como uma metodologia ou pesquisa que prima por conhecer como se encontra a produção científica quanto a determinado objeto naquele momento. Assim, a dinâmica do estado da arte consiste em fazer uma busca sobre o que já foi publicado em relação ao objeto, para encontrar as lacunas e prosseguir com a pesquisa, avançando no tema, tornando-se imprescindíveis para apreender o estado histórico e sistemático do objeto e avançar na produção.

Além disso, o estado da arte tem o objetivo de mapear e discutir a produção acadêmica em uma área específica da ciência,

destacando as dimensões e os aspectos privilegiados em diferentes épocas e lugares, mas também as lacunas nas pesquisas, preocupando-se com as formas e as condições em que são realizadas as pesquisas num determinado campo científico; identificando a evolução das pesquisas em uma determinada área.

Com isso, os pontos necessários para o estado da arte são: a definição dos descritores para direcionar as buscas; localização dos acervos; critérios para a seleção do material que compõe o corpus; coleta do material de pesquisa (estabelecer filtros); leitura das publicações para elaboração de síntese, considerando o tema, objetivos, problemáticas, metodologias e conclusões; organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses e análises e elaboração das conclusões.

O estado da arte se aproxima do estado do conhecimento por sua concepção e sentido; e se diferencia pela amplitude do campo de pesquisa e pela profundidade das análises dos trabalhos encontrados. O estado do conhecimento realiza o mapeamento em diversos banco de dados, não só em teses e dissertações, também em periódicos, livros, eventos nacionais e internacionais. É possível, ainda, tratar do estado da bibliometria, sendo marcadamente voltado para a pesquisa quantitativa, pois se vale mais dos dados quantitativos de cada ordem pesquisada, do que dos dados qualitativos dos mesmos, em que se procura identificar, além da quantidade de trabalhos, os mais relevantes e mais recorrentes, entre outros.

O estado da arte passa a ser comumente realizado nas pesquisas, podendo ser usado para justificar a escolha do tema, para localizar o avanço da temática, para ser uma seção do artigo ou um capítulo da monografia, dissertação ou tese. A depender da composição do estado da arte, será a extensão da escrita e da organização estética da mesma no texto. Não há uma rigidez

quanto a exposição estética, mas existem etapas que fomentam a elaboração do estado da arte.

Na primeira etapa, é realizado o mapeamento dos trabalhos, seguindo critérios de escolha dos descritores e utilização destes no banco de dados da CAPES, entre outras, para identificar os trabalhos que apresentam exatamente o termo buscado. Para o mapeamento, é preciso refinar a busca, em mestrado e doutorado acadêmico ou profissionalizante, por exemplo, ou em ambos. O refinamento também ocorre considerando a temporalidade, ou seja, as produções dos últimos 3, 5 ou 10 anos. Outro refinamento que se faz é no tocante à grande área de conhecimento e a área de conhecimento. Essas escolhas dependem do pesquisador ou da intenção da pesquisa. Com o refinamento feito, torna-se possível encontrar um total de trabalhos que tratem da temática.

Na segunda etapa, de posse do total de trabalhos encontrados, é preciso baixar todos os trabalhos e organizar o mapeamento de forma que possibilite encontrar alguns elementos para a elaboração de gráficos e/ou quadros. Os elementos vão emergir do mapeamento, por isso o olhar do pesquisador em relação ao mapeamento é importante. A priori, é possível elaborar gráficos ou quadros com elementos como quantidade por ano, por modalidade, por área, por instituição, por região, por estado, entre outras. O resultado dos gráficos ou quadros apresentam dados que servirão para uma discussão, inclusive teórica.

Na terceira etapa, acontece a análise dos trabalhos, podendo ser considerada a leitura do resumo ou introdução para encontrar as aproximações e os distanciamentos em relação ao objeto da pesquisa para perceber a lacuna existente. É possível buscar, nos resumos ou introdução, o problema, os objetivos, as metodologias, a base teórica, entre outros elementos. Para cada

elemento pode ser feito um quadro para análise dos dados. Essas escolhas dependem do olhar do pesquisador e da intenção que se tem com o estado da arte. A partir dessa etapa, o pesquisador terá a visão da aproximação ou do distanciamento das pesquisas já realizadas em relação à sua pesquisa.

Na quarta etapa, de posse das pesquisas que se aproximam da sua, o pesquisador poderá realizar uma análise mais aprofundada, considerando o trabalho como um todo e primando pelas considerações que as pesquisas apresentarem. As análises dos dados encontrados nessa etapa, pode compor um texto dissertativo ou também ser apresentado em um quadro, a depender do estilo do pesquisador. Além dos dados, é preciso uma análise e quiçá a criação de categorias a partir dos resultados.

É possível, a depender do orientador, que se faça uma RSL (Revisão Sistemática de Literatura), que se assemelha ao Estado da Arte, mas apresenta um movimento mais pragmático para sua realização e quiçá, mais aprofundado. Há uma discussão sobre nomenclaturas e tipologias de mapeamento e análise dos trabalhos encontrados, tais sejam: estado da arte, estado da questão, estado do conhecimento, RSL e outros.

Socializando um estado da arte

Essa exposição advém da minha tese de doutorado, na qual realizamos o estado do conhecimento, mas para esse texto, trazemos um recorte do estado da arte. A finalidade do estado da arte, inicialmente, foi mapear os trabalhos encontrados nos bancos de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), usando o descritor “Extensão Universitária”, que poderia estar encontrado no título, palavras-chave ou resumo.

No banco de teses e dissertações da CAPES, foram encontrados 56 trabalhos com o descritor “Extensão Universitária”, tendo como área de concentração as áreas afins com o objeto de estudo da tese, no período de 2013 a 2016, devido à disponibilização dos trabalhos completos na plataforma da CAPES.

Dos 56 trabalhos encontrados na CAPES – entre teses e dissertações nas áreas de concentração Educação; Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica; Ensino e Aprendizagem; Educação Escolar e Formação de Professores – mapeamos 8 trabalhos que se aproximavam do nosso objeto de estudo, conforme Quadro 08.

Quadro 08 – Trabalhos da CAPES e aproximações com o objeto

ÁREA	TRABALHOS	APROXIMAÇÃO COM O OBJETO
Educação	43	4
Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica	1	1
Ensino e Aprendizagem	8	1
Educação Escolar	3	1
Formação de Professores	1	1
Total	56	8

Fonte: Kochhann (2019, p. 36)

Esses dados também podem ser apresentados em um gráfico, mas preferi apresentar como quadro que foi elaborado a partir do mapeamento e, posteriormente, realizei uma análise de maneira mais complexa dos trabalhos encontrados que se aproximavam do nosso objeto de estudo, no intuito de que emergissem

os limites e perspectivas para desvelar as concepções, os sentidos e as construções no tocante à formação docente pela extensão universitária como atividade práxis crítico-emancipadora. Para essa análise mais complexa, levei em conta o trabalho completo e foi organizada uma síntese com base no objeto, no problema, na metodologia, no referencial teórico e nas principais considerações, o que possibilitou elaborar o quadro com limitações e perspectivas.

No percurso metodológico para o mapeamento, quadro de referência e quadro de limites e perspectivas, consideramos as seguintes categorias do Materialismo Histórico-Dialético, de Marx (2011): historicidade, dialética e mediação. Chamei de mapeamento o primeiro momento metodológico, pois busquei uma amostra dos trabalhos sobre formação de professores com o descritor “Extensão Universitária”. Com o mapeamento pronto, passei à segunda etapa, chamada de quadro de referência, que contém dados mais completos de cada trabalho. De posse desse quadro, foi iniciado o tratamento dos resultados que possibilitou a elaboração de outro quadro com os limites e perspectivas encontrados nos trabalhos. A partir da análise, considerando as categorias do método, foram eleitas categorias do objeto.

Dos 56 trabalhos encontrados no banco de dados da CAPES, apenas 8 foram analisados, e destes, todos levaram em conta projetos de extensão, apresentando, entre outras questões, as contribuições do projeto para a formação docente. Todavia, um trabalho em especial focou na formação do pedagogo, tendo por base um projeto de extensão, aproximando-se mais ainda de nosso objeto, conforme Quadro 09.

Quadro 09 – Análise dos trabalhos da CAPES

TÍTULO	ANÁLISE FINAL
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO POLÍTICA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: o caso do Projeto Rondon na UFRGS e na UDESC	Formação Política comprometida com os processos de emancipação e valorização da dignidade humana
UNIVERSIDADE E ESCOLA BÁSICA: O Papel Da Extensão Universitária Na Formação De Professoras E Professores Em Educação Científica	Experiência formativa com potencial para tendência emancipatória por uma nova <i>episteme</i> .
A EXPERIÊNCIA COMO PRÁTICA FORMATIVA DE ESTUDANTES NA EXTENSÃO	Compreensão do sentido e significado da aprendizagem pela Extensão Universitária para emancipação
FORMAÇÃO POLÍTICA NA UNIVERSIDADE: possibilidades a partir de (con)vivências na extensão/UFRGS	Formação mais humana e política pela qualidade da formação pela teoria e prática
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E OS ENTRELAÇOS DE SABERES	Propiciou a dimensão dialógica, interrelacionamento e sólida contextualização da realidade
AS CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM, PRÁTICA DA CIDADANIA E EXERCÍCIO PROFISSIONAL	Maior aprendizagem, prática da cidadania e atuação profissional
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O TRABALHO COM DEFICIENTES VISUAIS: Uma Experiência Inicial De Colaboração A Partir Do Desenvolvimento De Materiais Didáticos. '	Processo formativo fragilizado para a inclusão
EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR E SABERES DOCENTES NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: Análise De Uma Experiência No Espaço Hospitalar	Perfil docente humanizado com saberes teóricos e práticos construídos

Fonte: Kochhann (2017, p. 40)

Cada trabalho levou em consideração um projeto de extensão, com exceção de um que investigou as ações de extensão de uma instituição². Nenhum trabalho analisou as ações extensionistas de um curso em específico. As análises feitas foram pontuais o que pode não refletir a realidade do curso da referida instituição. Nenhum trabalho teve como objetivo investigar a formação docente pela extensão universitária como práxis crítico-emancipadora. Após analisar os 8 trabalhos e desvelar pontos relevantes na discussão quanto às concepções, os sentidos e as construções da formação docente pela extensão universitária, foi possível apresentar dois blocos de síntese, quais sejam: os limites e as perspectivas da formação docente pela extensão universitária que os trabalhos evidenciaram, como mostra o Quadro 10.

Quadro 10 – Limites e Perspectivas dos trabalhos da CAPES

LIMITES	PERSPECTIVAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. descontinuidade das ações, 2. inexistência ou fragilidade de avaliação das ações, 3. necessidade de revisão da relação sociedade/escolas e universidade, 4. urgência de repensar a formação inicial e atuação docente, 5. pouco recurso investido na extensão, 6. permanência à margem da pesquisa e do ensino, 7. tensionamentos na concepção de extensão, 8. distanciamento entre a teoria e a prática, 9. fragilidade curricular, 10. formação insuficiente, 11. fragilidade com a prática docente, 	<ol style="list-style-type: none"> 1. possibilidade de formação acadêmica pelas ações, 2. favorece a qualificação da formação docente, 3. potencializa a relação dialógica, 4. favorece a interdisciplinaridade 5. possibilita a relação teoria e prática, 6. possibilita uma práxis articuladora, 7. imprime consistência teórica e operacional, 8. fomenta a efetivação do tripé, 9. fomenta a produção do conhecimento científico, 10. possibilita a formação política, 11. viabiliza o acadêmico se posicionar e interferir na realidade, 12. potencializa a sólida contextualização, 13. estreita laços universidade e sociedade, 14. potencializa uma revolução epistemológica, 15. potencializa uma <i>episteme</i> emancipatória, 16. viabiliza o conhecimento emancipador, 17. possibilita práticas emancipatórias, 18. encaminha para a sensibilidade e humanização.

Fonte: Kochhann (2019, p. 41)

² Ações extensionistas são todas as modalidades de extensão, sendo que projeto é uma das modalidades.

A partir dos 8 trabalhos analisados, pode concluir que a participação efetiva em um projeto de extensão, apesar das limitações, teve como perspectiva uma formação acadêmica mais próxima da realidade e também mais política, com a efetivação da relação teoria e prática, com o despertar da dialogicidade e humanização, caso em que as ações não eram de extensão mercantilista e assistencialista, mas de uma extensão emancipadora. Não fica evidenciado que os acadêmicos, ao ingressarem nos projetos, tinham o entendimento da concepção de extensão, mas, pelas análises dos dados de cada trabalho, é possível afirmar que a compreensão do sentido de existir das atividades extensionistas e da possibilidade de se construir uma formação docente crítico-emancipadora pelas vias da extensão universitária começa a dar sinais.

Tal afirmação foi possível porque a relação dialógica; a relação teoria e prática; a práxis articuladora; a consistência teórica e operacional; a formação política; o posicionamento e interferência na realidade; a sólida contextualização; a *episteme* emancipatória; o conhecimento emancipador; a interdisciplinaridade; as práticas emancipatórias; e a sensibilidade e humanização que emergiram dos trabalhos são pontos relevantes para a construção de uma formação docente de concepção crítico-emancipadora pelas vias da extensão universitária.

É importante lembrar que essas características não emergiram de uma só pesquisa, pois cada uma delas apontou algumas características. Assim, é preciso que as ações extensionistas primem por todas essas características unidas e superem os vários limites para alcançar uma formação docente crítico-emancipadora por meio da extensão universitária. A superação dos limites pode ocorrer quando as ações primarem por serem contínuas; terem uma avaliação de qualidade; visarem uma relação sociedade/escolas e universidade de ganhos duplos; entenderem a formação inicial como base para a atuação docente e não só diplomação;

tiverem recursos para serem realizadas as ações com qualidade; permitirem a equidade com a pesquisa e o ensino; superarem os tensionamentos na concepção de extensão; anularem o distanciamento entre a teoria e a prática; tiverem assunção da extensão universitária no currículo; e os docentes compreenderem a concepção e o sentido da extensão universitária.

Essas premissas podem entonar utopia, mas podem ser construídas e realizadas se as instituições, os docentes, os acadêmicos e a comunidade compreenderem as concepções e os sentidos da extensão universitária. Utopia não é algo inalcançável, mas algo complexo. A contradição existente entre os limites e as perspectivas nos trabalhos da CAPES que foram analisados se estabelece por algumas categorias que estão intimamente interligadas, tais quais: a extensão é componente curricular; promove a unidade teoria e prática; fomenta a produção do conhecimento científico e interdisciplinar; e favorece a formação política e emancipadora.

Continuando com o recorte de minha tese de doutorado, apresento a discussão realizada a partir do mapeamento e análise dos trabalhos encontrados na CAPES (maiores detalhes podem ser encontrados na tese já disponível no banco de dados CAPES). Destarte, a análise entre os limites e possibilidades nos permite afirmar que, apesar da extensão apresentar mais perspectivas do que limites, ainda se encontra afastada do ensino e da pesquisa porque, para sua construção, é preciso não só mudança de consciência mas, quiçá, de formação e/ou informação, bem como de acompanhamento e avaliação das ações de forma permanente. Ainda, mediante as análises, podemos afirmar que um dos motivos para as poucas produções e os limites emergidos, seja a não apropriação por parte da universidade da extensão no processo formativo, o que pode estar vinculado à falta de compreensão da concepção e do sentido da extensão universitária e/ou à falta de

assumência por parte das instituições e dos pares, especificamente das possibilidades do processo formativo para docentes.

Podemos ainda dizer que os poucos trabalhos publicados apontam limites importantes que precisam ser considerados, mas apontam perspectivas que fomentam afirmar a importância da extensão universitária na vida social e não somente na academia. Os autores dos trabalhos não negam as dificuldades, contudo tem clareza das perspectivas. Nesse momento, podemos questionar duas coisas: 1. se as perspectivas são maiores que os limites, por que a extensão universitária não é considerada, de fato, como elemento fundante na formação? 2. se os trabalhos apresentam perspectivas de práxis crítico-emancipadora, por que a extensão universitária ainda se apresenta enraizada na prestação de serviços?

Considerar o estado da arte em nossa pesquisa significou estabelecer diálogo com autores que já estudaram a temática, reconhecendo como relevante os resultados das pesquisas e, quiçá, possibilitando avançar nas discussões, principalmente pelo fato de que as análises não trazem o olhar dos acadêmicos partícipes das ações extensionistas no tocante à sua formação docente inicial.

Mediante a análise pelas perspectivas e limites encontrados em cada trabalho analisado, elegemos 7 categorias que são contraditórias e dialéticas no movimento real: 1. *componente curricular*; 2. *unidade teoria e prática*; 3. *produção do conhecimento científico e interdisciplinar*; 4. *formação política e emancipadora*; 5. *temporalidade* das ações de extensão; 6. *assumência* das instâncias competentes; e 7. *tripé universitário*. O que se percebe é uma intensa relação dialética e contraditória entre as sete categorias, visto que uma pode apresentar um movimento sincrônico ou diacrônico em relação à outra.

O movimento real das ações extensionistas pode apresentar a contradição e a dialética no momento em que analisamos que a extensão universitária é um componente curricular assim como a

pesquisa e o ensino, e que já se apresenta nos documentos legais enquanto obrigatoriedade. Contudo, em muitas instituições, a extensão ainda não é considerada como componente curricular. A unidade teoria e prática se apresenta como possibilidade nas ações extensionistas, mas também fica evidenciado que, em alguns casos, distanciam-se e, em outras situações, relacionam-se.

A produção do conhecimento pode ser realizada pelas vias da extensão universitária de forma científica e com publicações, tanto quanto pode ocorrer uma mera reprodução de informações ou produção com fragilidades. A formação advinda das ações de extensão pode vir a ser uma formação política e emancipadora, mas também podem ser reprodutoras, acríticas, ahistóricas, apolíticas e meramente praticismo. As ações extensionistas podem apresentar uma temporalidade curta de existência ou se tornarem permanentes, demarcando uma possível ação processual ou apenas sendo uma prática ou prestação de serviço a longo tempo. Assim como pode ocorrer a assumência das ações de extensão por parte dos gestores da instituição e dos cursos, dos docentes, dos acadêmicos, dos técnicos administrativos e da comunidade em geral, essa assumência pode também não ocorrer de nenhuma parte, inclusive no sentido de avaliação, financiamento e de concepção.

Quanto ao tripé universitário, assim como as demais categorias, também apresenta contradições, pois, apesar de constar nos documentos legais a obrigatoriedade das universidades atuarem com base na indissociabilidade da pesquisa com o ensino e a extensão, pode se apresentar de forma dissociada ou fragilizada, pelo fato de o professor não ser pesquisador, não ter acompanhamento ou por outras questões inerentes a outras categorias, conforme a Figura 09.

Figura 09 – Tessitura das Categorias



Fonte: Kochhann (2019, p. 49)

Nesse movimento dialético e contraditório, as ações extensionistas podem avançar no sentido de contribuição para a formação de professores, tanto a formação inicial quanto continuada, por ser uma parte mais flexível do currículo e poder ocorrer em espaços escolares e não escolares, em diferentes contextos, em diferentes situações do real concreto, possibilitando, aos partícipes, experiências que talvez não possam viver em sala de aula.

Pelas perspectivas encontradas nos trabalhos analisados, no que tange à extensão e sua contribuição na formação inicial de professores, é possível defender que a extensão universitária pode vir a ser uma atividade formativa para a emancipação da

sociedade pela concepção crítico-emancipadora, com o sentido político-emancipador. Isso se torna possível quando as ações são construídas fomentando uma aproximação dos acadêmicos com a realidade concreta, proporcionando-os sólida contextualização para se posicionarem e interferirem na realidade, despertando a sensibilidade, a dialogicidade e a humanização. Nesse ínterim, torna-se possível a formação política, teórica e operacional, por meio da unidade teoria e prática ou práxis articuladora, com práticas emancipatórias e conhecimento emancipador, efetivando-se ao longo dos anos consecutivos por serem as ações avaliadas qualitativamente e replanejadas.

Dessa forma, pode ser possível essas ações proporcionarem ganhos à sociedade e ao acadêmico, produzindo novos conhecimentos científicos, se existirem condições estruturais e de financiamento para se efetivarem, bem como se forem realizadas e reconhecidas, assim como a pesquisa e o ensino, efetivando o tripé e a valorização das ações no currículo. Da mesma maneira, é preciso que os atores envolvidos compreendam a concepção e o sentido de extensão e visem uma *episteme* emancipatória ou a extensão emancipadora e acadêmica, crítica, processual e orgânica, permanente, que vise a ensinagem significativa, sendo *locus* de discussão e criação de novas metodologias e tecnologias, produzindo material didático e bibliográfico, favorecendo a reflexão sobre a sua trajetória de formação, fomentando o aprender e construir, coletivamente no fazer do trabalho educativo que se tornem campo fértil para a pesquisa e o ensino, possibilitem a discussão de políticas públicas e fomentem o engajamento da sociedade civil organizada.

Tudo isso precisa estar alicerçado pela assumência, comprometida por parte da instituição acadêmica, da curricularização e do financiamento, contando com profissionais qualificados que visem avanços na investigação por meio da pesquisa, almejando

a construção de novos conhecimentos e novas propostas metodológicas, a partir de elaboração coletiva e consciente das ações, bem como do diálogo e problematização, com base em uma avaliação contínua por meio de um trabalho reflexivo e de caráter emancipador. Tudo isso com vistas à autonomia por convivência e estreitamento das relações entre universidade e escola pública, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão que podem vir a ser por redes de formação e, principalmente, que se afastem da extensão mercantilista, assistencialista e de prestação de serviços que deve ser assumida pelo Estado.

O que esboçamos nessas linhas não foi a expressão unívoca ou correta de um mapeamento e a análise de estado da arte; é apenas uma possibilidade. Cada pesquisador precisa se valer do seu olhar perante os dados apresentados e as possibilidades de análise mediante o método. Julgo importante socializar como forma de visualização de uma possibilidade entre tantas existentes.

A ORGANIZAÇÃO DE ARTIGOS: construção do conhecimento científico

Ao passo que compreendemos algumas questões inerentes à concepção de produção acadêmica com o sentido de construção do conhecimento científico apreendemos sobre a elaboração do quadro de coerência, considerando a linguagem acadêmica, e avançamos no tocante ao estado da arte, no movimento de mapeamento, organização e análise dos dados. Agora, podemos iniciar o processo de organização e produção de artigos científicos.

O artigo científico

Para pensar na elaboração de um artigo é importante partir de alguns princípios. Para qual evento, revista ou livro/editora o artigo será submetido? Prestar atenção nesses elementos e, também, ser coerente com o dossiê ou tema para a escrita é outro princípio importante, assim como escrever termos ou elementos que o dossiê apresenta. A elaboração do quadro de coerência após a escolha do evento, revista e livro/editora é outro princípio importante porque pode favorecer a coerência do texto com o dossiê ou tema do evento, revista e livro/editora. Algumas reprovações de textos ocorrem justamente pela incoerência com o dossiê ou tema.

Não podemos pensar de forma pragmática a elaboração de artigos, pois cada evento, revista ou livro/editora tem suas regras. Contudo, nenhum foge do que é considerado regra geral e,

principalmente, da ABNT. Alguns eventos, revistas ou livros não seguem a ABNT, mas a American Psychological Association - APA ou outros. Esse princípio também é importante se ater.

Gostaria de partir da questão que todo artigo, monografia, dissertação ou tese deve partir do quadro de coerência, pois a elaboração desse quadro, considerando o dossiê ou tema do evento, revista ou livro/editora favorece o aceite do texto para publicação ou apresentação. A coerência entre os elementos da escrita e a coesão em toda escrita favorece ou prejudica o texto no momento de avaliação dos pares.

De forma inicial, podemos pensar que a estrutura de um artigo precisa contar com uma estrutura composta por introdução, materiais e métodos, discussão teórica, considerações e referências. Também pode ter a estrutura: introdução, seções textuais, considerações e referências. Ainda é possível encontrar outras divisões. Não é algo pragmático e fixo. Artigo é uma discussão teórico-empírica que pode ser apresentado de várias formas estéticas, podendo ser em média de 12 a 25 páginas.

Grosso modo, reporto-me ao meu quadro de coerência para pensar em um esquema de artigo para apresentar como movimento da escrita acadêmica. Costumo orientar que nosso quadro de coerência nos possibilita a escrita de um artigo bem coerente. Os elementos presentes no quadro de coerência serão utilizados na elaboração do artigo. A elaboração do título deve ser coerente com o dossiê ou tema do evento, revista e livro/editora, bem como com seu objeto, delimitação do objeto e problema. Não tente mudar as palavras desses elementos na escrita, pois pode-se incorrer em equívocos conceituais e soar ou ser incoerente. Gosto de usar, nesses elementos, palavras que considero substanciais para fomentar a coerência.

O resumo do artigo consiste em uma síntese do que o texto abordará. Costumo dizer que o resumo é a síntese da introdução. Na introdução, aparecem os mesmos elementos que aparecem no resumo, porém de forma mais detalhada e explicada. Assim, tanto no resumo quanto na introdução, é preciso ter elementos como

objeto ou tema, delimitação do objeto ou tema, justificativa para a escolha do tema e da delimitação, problema, objetivos, método e metodologia e primeiras considerações. Poderíamos dizer que o resumo se configura por umas 10 linhas e a introdução por 1 ou 2 páginas, contendo os mesmos elementos. Geralmente, sugiro que seja elaborado o quadro de coerência, cujos dados serão colocados tanto no resumo quanto na introdução. No resumo, sintetize. Na introdução, aprofunde. A escrita costuma ser no futuro ou imparcial quanto ao tempo em que se escreve. A introdução indica o que será feito ou está sendo feito e as considerações ou conclusões indicam o que foi feito e a quais considerações alcançou.

Uma tática que criei para fomentar a coesão do texto foi transformar cada objetivo específico em item ou seção do artigo. Isso vale também para capítulos de monografia, dissertação ou tese. Cada objetivo específico passa a compor um capítulo ou seção. Dessa forma, o texto não será reprovado por incoerência ou por não alcançar os objetivos específicos. A discussão teórica ou empírica de cada item ou seção ou capítulo deve seguir as orientações de escrita acadêmica e normas da ABNT, já evidenciadas.

Nas considerações, retomo o resumo e apresento uma síntese de cada elemento, principalmente dos itens ou capítulos discutidos no texto. *A posteriori*, finalizo o texto com as considerações gerais ao responder à pergunta problema. Uma consideração bem delineada responde à pergunta apresentada no resumo e na introdução.

As referências podem ser um fator preponderante na análise do artigo. Apresentá-las de forma correta, segundo a ABNT, é crucial. Além do mais, todos autores citados no texto, seja como citação direta ou indireta, precisam constar nas referências. Outro ponto de importante atenção é que as edições e ano de publicação das obras precisam estar alinhadas no texto com as referências. Convém reforçar que a forma de referendar deve estar em consonância com a ABNT da época. Pode parecer simplista minha colocação, mas ocorre muito que coloquem capa, folha de rosto, apêndices e anexos em artigo. Equívoco. Esses elementos são de monografia, dissertações e teses.

Socializando um artigo científico

É compreensível que, ao fazermos a leitura de uma explicação sobre como escrever consigamos entender, mas, na hora da escrita propriamente dita, surgem tantas dúvidas que por vezes desistimos da escrita ou a fazemos com vários problemas. Por isso, resolvi socializar um esquema de artigo, considerando o quadro de coerências apresentado. Veja que há cuidado com a coerência entre os elementos e que os objetivos específicos viraram itens do artigo, conforme Figura 10.

Figura 10 – Esquema de artigo 1

<p style="text-align: center;">O ENSINO HÍBRIDO: estratégias orientadas para aprendizagem no Ensino Superior</p> <p style="text-align: right;">AUTORES</p> <p>RESUMO: O presente artigo aborda a temática do ensino híbrido, delimitado em estratégias para a aprendizagem no Ensino Superior. O tema se justifica pelo fato de o ensino híbrido ter sido colocado em voga no último ano devido a pandemia da COVID – 19 e pelas autoras serem docentes do Ensino Superior. Assim o problema é “Como as práticas de ensino híbrido têm ocorrido no Ensino Superior?”. O objetivo geral será apresentar como as práticas de ensino híbrido têm ocorrido no Ensino Superior. Para isso os objetivos específicos se estruturam por discutir o conceito de ensino híbrido, apresentar possíveis estratégias de ensino híbrido, realizar o mapeamento de teses e dissertações que tratam da temática e analisar os trabalhos que se aproximam com o tema deste artigo. A pesquisa se aproxima da perspectiva materialista histórico-dialética, pela contradição, totalidade e mediação. A metodologia desta pesquisa aplicada quanti-qualitativa foi bibliográfica com a realização do estado da arte. Como referencial teórico foi usado Valente (2005, 2014), Moran (2007), Pretto e Silveira (2013), entre outros.</p> <p>PALAVRAS-CHAVE: Ensino Híbrido. Ensino Superior. Estratégias de Aprendizagem.</p>

(Continuação)

INTRODUÇÃO

Partindo do resumo, detalhamos nas questões, escrevendo 1 página.

O ENSINO HÍBRIDO: uma análise de conceitos e estratégias

Escrever 4 páginas

O ESTADO DA ARTE: uma análise do ensino híbrido

Escrever 5 páginas

CONSIDERAÇÕES

Retome o problema e responda-o com a síntese dos itens discutido no texto mostrando que alcançou os objetivos, escrevendo 1 página.

REFERÊNCIAS

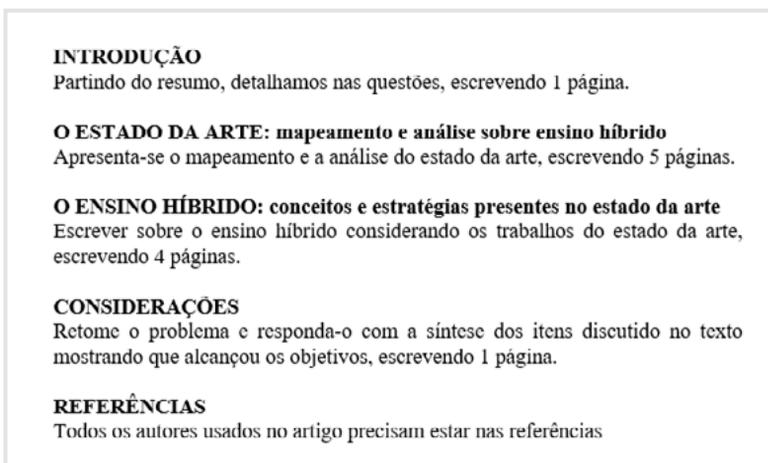
Todos os autores usados no artigo precisam estar nas referências

Fonte: A autora em suas assessorias (2021)

Esse artigo não é fictício, por isso não foi socializado na íntegra. Caso queiram ter acesso a ele, para análise de como foi realizada a escrita dos itens, busque o livro no qual foi publicado, conforme referências. Muitas vezes é importante que no resumo sejam apresentados os resultados da pesquisa, mesmo que de forma sintetizada.

Um artigo pode ser elaborado de outra maneira. Por isso, é importante compreender que não existe uma única estética para um artigo. Considerando o mesmo quadro de coerências, apresento um novo esquema de artigo, nesse caso iniciando pelo estado da arte e fazendo a discussão teórica mediante dados coletados do estado da arte, conforme Figura 11.

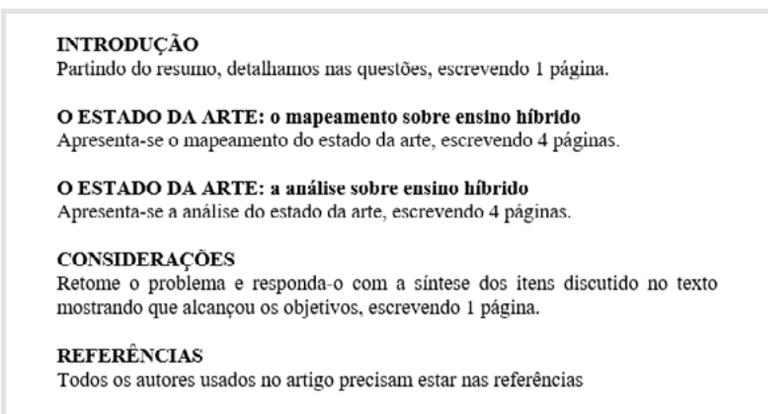
Figura 11 – Esquema de artigo 2



Fonte: A autora em suas assessorias (2021)

Ainda, no esforço de explorar o mesmo quadro de coerências, mas fazendo pequenas modificações, apresento um novo esquema de artigo que se alicerça no estado da arte, conforme Figura 12.

Figura 12 – Esquema de artigo 3



Fonte: A autora em suas assessorias (2021)

Considerando o mesmo quadro de coerências, apresento um novo esquema de artigo, muito usado para apresentação de relatórios de pesquisa de iniciação científica, conforme Figura 13.

Figura 13 – Esquema de artigo 4

<p>INTRODUÇÃO Partindo do resumo, detalhamos nas questões, escrevendo 1 página.</p> <p>MATERIAS E MÉTODOS Apresenta-se o método e metodologia com detalhes, escrevendo 1 página.</p> <p>DISCUSSÃO TEÓRICA Escrever teoria do ensino híbrido com citações, escrevendo 4 páginas.</p> <p>ANÁLISE DOS DADOS Apresentar o mapeamento do estado da arte e analisar os dados, escrevendo 4 páginas.</p> <p>CONSIDERAÇÕES Retome o problema e responda o com a síntese dos itens discutido no texto mostrando que alcançou os objetivos, escrevendo 1 página.</p> <p>REFERÊNCIAS Todos os autores usados no artigo precisam estar nas referências</p>
--

Fonte: A autora em suas assessorias (2021)

Esperamos que os pesquisadores, ao fazerem a leitura e análise dos esquemas de artigos, possam perceber a movimentação que é possível ocorrer no sentido de planejar como escrever um. O fazer do artigo perpassa pelo pensar sobre ele. Eu somente inicio a escrita de um quando o tenho pensado por completo. Primeiro penso, e depois faço. Penso, esquematizo e escrevo. No meu caso, isso favorece a escrita e a coesão do artigo.

A ORGANIZAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA: construção do conhecimento científico

Ao passo que compreendemos algumas questões inerentes à concepção da produção acadêmica com o sentido de construção do conhecimento científico; apreendemos sobre a elaboração do quadro de coerência, considerando a linguagem acadêmica; avançamos no tocante ao estado da arte, no movimento de mapeamento, organização e análise dos dados; e iniciamos o processo de organização e produção de artigos científicos, podemos avançar rumo à elaboração de um projeto de pesquisa, seja de iniciação científica, mestrado ou doutorado.

O projeto de pesquisa

A elaboração de um projeto de pesquisa perpassa por todos os cuidados citados anteriormente e, por ser uma atividade intelectual complexa, precisa de um rigoroso planejamento, considerando questões do tipo “o que”, “por que”, “como”, “quando”, “para que”, “com quem”, entre outras. Um projeto de pesquisa parte de um problema real que precisa ser resolvido e o resultado da investigação propõe apresentar solução(ões) de forma imediata ou mediata. Um projeto de pesquisa não é linear e tão pouco rígido, podendo ser modificado ao longo do seu desenvolvimento, mediante necessidades.

Cabe aqui, apresentarmos as etapas de um projeto de pesquisa, lembrando que os elementos essenciais são constituintes de qualquer projeto de pesquisa. Contudo, a estética pode variar a depender das normas da instituição que oferta o Programa do Pós-graduação. Como estética, apresentamos que é preciso que contenha introdução, objetivos, método e metodologias, discussão teórica, metas e viabilidade, cronograma, referências.

Também é possível ter a divisão de introdução, discussão teórica, cronograma e referências, sendo possível ainda encontrar divisão com mais detalhes como introdução, justificativa, problema, objetivos, método e metodologia, discussão teórica, metas, cronograma e referências. Ainda, há alguns editais que podem solicitar orçamento e financiamento da pesquisa, e outros que solicitam para mestrado a escrita de um memorial da trajetória acadêmica e profissional, mostrando a relação da jornada do candidato(a) com os elementos básicos do projeto de pesquisa. Inclusive, memorial é um texto exigido para doutorado, juntamente com o projeto de pesquisa. A estética de um memorial também pode variar a depender do edital.

De forma em geral, apresento que, independente da estética, um projeto apresenta elementos norteadores básicos. A introdução se configura por apresentar tema, delimitação do tema, justificativa e problema. No item objetivos, são apresentados o objetivo geral e os específicos. No item método e metodologias, apresenta-se o método, tipo de pesquisa, metodologias e forma de coleta e análise de dados, com explicações teóricas para cada escolha.

A discussão teórica – fundamentação teórica, marco teórico ou quadro teórico – configura-se por uma discussão inicial sobre a temática que demonstre o conhecimento prévio que o pesquisador tem em relação ao tema. Não há necessidade de um exímio domínio teórico, mas é importante uma discussão coerente e bem fundamentada. O estado da arte pode ser usado tanto para justificar a importância do estudo ou como discussão teórica.

No item metas e viabilidade, consta o que se quer alcançar, inclusive quantitativamente, dentro de um período ou com uma ação. A análise da viabilidade se pauta no quantitativo de atividades, da população, da amostra, dos instrumentos metodológicos, do orçamento, do cronograma, dentre outros, para concluir que o projeto tem viabilidade de ser executado, ou seja, se o mesmo é exequível no tempo previsto.

No cronograma, deve constar todas as ações ou atividades planejadas durante o processo de mestrado, doutorado ou realização da pesquisa, colocadas mês a mês ou semestre a semestre, desde as disciplinas a ser cursadas, a participação em eventos, a submissão de artigos a periódicos e as etapas da pesquisa, bem como todos os seus detalhes. Nas referências, devem estar listadas todas as obras citadas no projeto, alinhadas ao ano de edição e por ordem alfabética.

Socializando um projeto de pesquisa

Considerando o quadro de coerência para elaboração de projetos de pesquisa, socializo um esboço, esquema ou recorte de projeto de pesquisa do meu doutorado. Julgo incoerente socializar na íntegra, por isso farei um recorte com adaptações. A intenção é socializar como é possível iniciar um projeto de pesquisa a partir do quadro de coerência.

É preciso se certificar das normas da instituição quanto à capa, folha de rosto e outros elementos porque cada instituição tem suas normas, inclusive algumas solicitam a indicação do pretenso orientador enquanto outras solicitam envio de material em duas vias, uma com identificação outra sem identificação. Esses detalhes podem eliminar o candidato, caso não sejam completamente atendidas.

FORMAÇÃO DOCENTE E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: tessituras entre concepções, sentidos e construções

Andréa Kochhann

INTRODUÇÃO

O objeto dessa investigação é a formação docente, delimitado na formação do pedagogo da UEG em projetos de extensão universitária em 2018 que estejam em andamento. O motivo para a delimitação em investigar a formação do pedagogo parte do princípio de ser o profissional que atua com a base formadora do ser humano, a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além da gestão educacional, da pesquisa e do Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e outros espaços não escolares, configurando um trabalho pedagógico e educativo. Para isso, é importante que a formação docente, tanto inicial quanto continuada, possibilite conhecimentos para o trabalho concreto e as ações extensionistas podem favorecer essa formação. Uma inquietação que nos move a pensar o objeto é que as ações extensionistas não tem reconhecido seu devido papel como atividade formativa nas Universidades, o que pode configurar a não realização dessas atividades ou quando realizadas pode ser de forma fragilizada e incipiente.

Há uma justificativa pessoal e profissional para a inquietação que originou essa pesquisa: minha atuação em curso de graduação em Pedagogia na Universidade e a vivência de circunstâncias que possibilitam o levantamento de indagações no tocante ao ensino, à pesquisa e à extensão, na dissociação desse tripé e o aligeiramento/secundarização da extensão, bem como o distanciamento de teoria e prática no processo formativo. Tenho realizado, ao longo

dos anos de atuação profissional na universidade, o tripé universitário, pois desde 2004 realizo pesquisa e extensão no curso de Pedagogia em que leciono desde 2002.

Outras motivações a serem apresentadas são o fato de coordenarmos um grupo de estudos que se dedica à realização de projetos de pesquisa e extensão, envolvendo acadêmicos e egressos principalmente do curso de Pedagogia; de nossa formação ser em Pedagogia; de o resultado de nossa dissertação de mestrado apontarem que o curso de Pedagogia da UEG, quanto ao seu desenvolvimento curricular, apresentava potencialidades e fragilidades.

Nos resultados de potencialidades e fragilidades e na leitura de toda a análise realizada durante a pesquisa, são evidenciadas contradições. O currículo do curso apresenta como potencialidade a integração entre teoria e prática, ou seja, a práxis. Contudo, as fragilidades encontradas denotam o contrário, visto que são apresentadas incoerências no Projeto Pedagógico de Curso (PPC); faltam grupos de estudo; pouca pesquisa, extensão e monitoria; tímida prática interdisciplinar; pouca regência no estágio supervisionado; tímida compreensão da identidade do pedagogo; dentre outros.

Pelo Estado do Conhecimento, buscamos compreender os limites e perspectivas dos trabalhos quanto à formação docente pela extensão universitária e elegemos 7 categorias, as quais são dialéticas e contraditórias, o que nos permite dizer que o resultado apontado foi: dos 2.804 trabalhos encontrados, apenas 18 abordaram a temática, configurando menos de 1%. Isso nos moveu a quatro reflexões: 1. a extensão universitária no processo formativo não é importante e por isso não é pesquisada; 2. a extensão universitária ainda não está compreendida em sua totalidade e por esse motivo pouco tratada no processo formativo; 3. a política educacional neoliberal força uma supressão da extensão universitária no processo formativo por ser uma via que possibilita a crítica e

emancipação; e 4. a política educacional neoliberal propaga a extensão universitária como prestação de serviço e assistencialismo, menosprezando a concepção acadêmica, o que portanto não ocupa o espaço no processo formativo. Reflexões essas que com certeza não compreendidas com essa pesquisa, mas me moveram a pensar de forma mais contundente sobre o papel da extensão universitária no processo formativo, estando inserido em um contexto neoliberal, em uma instituição pública, que se apresenta *multicampi* e principalmente, interiorizada.

Ao passo que compreendemos o papel da extensão universitária no processo formativo, tanto inicial quanto continuada, percebemos que as universidades precisam assumir a indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão e, para isso, a curricularização e creditação da extensão³ deve ser cumprida. A extensão sendo assumida pelos pares educacionais (gestores, administrativos, servidores gerais, docentes, acadêmicos e sociedade) pode vir a ser atividade que promova uma formação mais próxima do real, considerando a prática social em variados espaços formativos, sejam escolares e/ou não escolares, em momentos diversos e situações concretas, entendidas como estágio vivo de aprendizagem, que pode ocorrer desde o primeiro contato com a universidade.

Mediante essas justificativas, apresentamos que o problema dessa pesquisa se alicerça em “Quais as perspectivas e os limites da extensão universitária na formação de professores do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás?”. O objetivo geral da pesquisa configura-se por analisar as perspectivas e os limites da extensão universitária como possibilidade de atividade crítico-emancipadora na formação inicial de professores do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, considerando a concepção e o sentido para sua construção.

3 A extensão universitária precisa estar prevista no currículo, perpassando os objetivos do curso, o perfil do egresso, inclusive na matriz curricular como forma de creditação de horas de formação de caráter obrigatório em programas e projetos de extensão e não como atividade complementar, conforme Meta 12.7 do PNE (2014) e Resolução CsA n. 345/2008.

Para alcançar o objetivo geral, foram organizados os objetivos específicos:

1. apresentar os limites e as perspectivas da formação docente pela extensão universitária, encontrados nos trabalhos pelo Estado do Conhecimento;
2. historicizar e discutir a universidade, a extensão universitária, o curso de Pedagogia e a UEG mediante a questão da sua concepção e da indissociabilidade pesquisa, ensino e extensão;
3. discutir questões teóricas que sustentam a práxis crítico-emancipadora quanto à concepção e sentido da ação extensionista enquanto uma construção no processo formativo;
4. analisar os projetos de extensão universitária vinculadas ao curso de Pedagogia da UEG desenvolvidas no ano de 2018, para compreender as concepções e sentidos da extensão universitária no processo formativo inicial, considerando os limites e perspectivas, visando apresenta a possibilidade de construção de uma extensão universitária na concepção crítico-emancipadora.

O motivo para a delimitação em investigar a UEG parte do pressuposto de que essa instituição de Ensino Superior apresenta características notadamente específicas das demais instituições do Estado de Goiás. É uma universidade pública, gratuita, *multicampi* e, principalmente, interiorizada. Tal interiorização pode ser apresentada como uma marca registrada enquanto democratização do saber acadêmico antes elitizado, pois se configura em 41 *Campi* e 10 polos espalhados por 45 cidades de Goiás, conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI, 2010) e UEG em dados (2016).

A UEG surgiu pelo Decreto Lei nº 13.456, de 16 de abril de 1999, assinado pelo governador Marconi Perillo, vinculando organicamente a UEG à Secretaria Estadual de Educação. O objetivo estruturante da criação da UEG se embasou no atendimento das demandas da sociedade goiana. Conforme assevera Machado (2013), a UEG visava assegurar aos estudantes do interior do Estado de Goiás acesso e permanência no Ensino Superior gratuito e de qualidade sem se afastarem de seus lares e também objetivava promover o desenvolvimento dos municípios com a expansão do Ensino Superior público interiorizado.

A formação docente nos cursos de Pedagogia em universidades públicas tem por questões curriculares a carga horária destinada ao ensino, à pesquisa e à extensão. Alertamos que as pesquisas, em sua grande maioria, podem abordar a formação docente pelo ensino. Levando em consideração os conceitos da extensão universitária e sua obrigatoriedade curricular, inferimos que a extensão tem sido deixada em segundo plano na formação docente por algumas determinações que se apresentam enquanto três categorias de hipóteses de trabalho, construídas no trabalho pedagógico, e também a partir do levantamento bibliográfico:

1. não sendo realizada por questões: de condições materiais para o trabalho concreto; epistemológicas ou de envolvimento profissional;
2. realizada mas: sem as condições materiais para o trabalho concreto; sem um domínio epistemológico, teórico e prático; visando as questões salariais; por questões de marketing institucional;
3. realizada pela: compreensão conceitual e de elementos imprescindíveis à formação mercadológica; pela compreensão conceitual e de elementos imprescindíveis à formação emancipadora.

Em síntese, entendemos que tanto como perspectiva quanto como limite a extensão universitária no processo formativo pode vir a ser para a manutenção ou emancipação das relações sociais, a depender das concepções e sentidos pelos pares e construções efetivadas. Focando na questão conceitual e dos elementos da extensão universitária que pode vir a ser uma formação docente pela concepção crítico-emancipadora, analisaremos os projetos de extensão da UEG, vinculados ao curso de Pedagogia, para desvelar suas concepções, sentidos e construções, a partir das perspectivas e dos limites das ações para vir a ser uma atividade crítico-emancipadora na formação do pedagogo da Universidade Estadual de Goiás.

MÉTODO E METODOLOGIA⁴

A relação entre o nosso objeto de pesquisa e o materialismo histórico-dialético se aproxima devido a categoria do trabalho ontológico ser a base do trabalho concreto, tanto no momento de formação como de atuação, pela totalidade e contradição, bem como pelo *corpus* teórico de crítica à tendência tradicional do trabalho concreto e discutindo a possibilidade de emancipação com a práxis e a tendência histórico-crítica no trabalho concreto pela extensão universitária, tendo o trabalho que é ontológico e teleológico, como princípio educativo.

A priori, pensamos que ao pesquisar o real concreto, considerando as condições materiais e históricas – que são contraditórias – para a efetivação dos projetos de extensão, seria possível realizar o movimento de saída do simples para o complexo, do

⁴ No original foram detalhados o método e suas categorias, a caracterização da pesquisa e os instrumentos metodológicos de forma conceitual, bem como apresentadas a população e a amostra, como uma escolha aleatória.

imediatamente para o mediato e, principalmente, da aparência para a essência, saindo do concreto e chegando ao abstrato. Esse concreto que a realidade apresenta de fato é abstrato por velar sua essência e, por isso, uma pseudoconcreticidade, segundo Kosik (1976). Somente quando alcançarmos a essência do abstrato é que chegaremos no concreto pensado e nos afastaremos do pseudoconcreto. Para Rodrigues (2011, p. 36) “as ideias, as concepções sobre como funciona o mundo são representações que os homens fazem a respeito de suas vidas, do modo como elas aparecem na sua experiência cotidiana. Essas representações são portanto, aparência”.

Com essa tessitura, a pesquisa segue a perspectiva materialista histórico-dialética – filosofia da práxis e emancipação em Marx e Gramsci. A concepção materialista histórico-dialética na pesquisa em Marx (1979, 1987) e Kosik (1976); também em Marx (1979, 1987) a fundamentação do trabalho ontológico e suas contradições temporais e espaciais do trabalho como princípio educativo, pela totalidade e contradição, permeada pela mediação. Caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, quanti-qualitativa, teórica, documental e empírica como estudo de caso⁵.

Apresenta como *corpus teórico* inicial a concepção materialista histórico-dialética na pesquisa em Marx (1979, 1987) e Kosik (1976); também em Marx (1979, 1987) a fundamentação do trabalho ontológico e suas contradições temporais e espaciais do trabalho como princípio educativo, pela totalidade e contradição, permeada pela mediação; em Gramsci (1979, 1991, 1995, 2000, 2010), Sanches Vasquez (2011), Saviani (2000, 2007), Gasparin (2014), Gadotti (2010) e Curado Silva (2011, 2015) sobre omnilateralidade, emancipação, tendência histórico-crítica e epistemologia da práxis; em Saviani (2006, 2008, 2009) sobre

5 Aqui é possível e quiçá, necessário teorizar detalhadamente sobre as características da pesquisa. Apresentou-se aqui apenas uma síntese. Maiores detalhes busque Kochhann (2019).

a universidade brasileira e o curso de Pedagogia; em Forproex (2012), Faria (2001), Castro (2004), Souza (2000), Síveres (2013), Botomé (1996), Reis (1996) e Jezine (2002) quanto às questões da extensão; e foram analisadas leis, resoluções, planos nacionais de educação e de extensão universitária. O *corpus empírico* inicial se constituiu da análise do currículo do curso de Pedagogia, dos documentos institucionais da UEG, dos projetos de extensão executados em 2018 e seus relatórios, e das entrevistas semiestruturadas com os acadêmicos e os coordenadores dos projetos, escolhidos por critérios *a posteriori*. A vertente analítica das entrevistas será dos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2013).

DISCUSSÃO TEÓRICA⁶

A extensão universitária é considerada como uma das funções das Instituições de Ensino Superior, relacionada à sua prática indissociável com o ensino e a pesquisa. Apesar de ser vista como uma dimensão de menor expressão dentro das universidades, ou da visão simplista da função de retorno à comunidade não acadêmica na forma de oferta de programas e projetos, a extensão universitária vem sendo realizada, principalmente nas instituições públicas, e carece de estudos que relacionem essa dimensão ao tripé e à formação docente.

Parte-se do pressuposto de que a extensão universitária precisa ser compreendida enquanto princípio educativo, pois o trabalho educativo ou pedagógico precisa ocorrer nas atividades dos projetos de extensão, caso contrário se configura apenas como prestação de serviço ou assistencialismo. A extensão como princípio educativo está prevista no Fórum dos Pró-Reitores das Universidades Públicas do Brasil – FORPROEX (2012) – quando a

⁶ No original a discussão teórica é aprofundada e chega a 10 páginas.

anunciam como processo acadêmico que tem relação direta com a transformação social.

A extensão entendida como trabalho é exercida coletivamente por sujeitos vinculados à universidade e à comunidade, num processo de conhecimento e ação sobre a realidade objetiva que demanda de uma organicidade processual e temporal. Nessa perspectiva, é possível um processo educativo, científico, técnico e cultural que se articule com o ensino e a pesquisa em forma indissociável no contexto das relações dinâmicas e transformadoras entre universidade e sociedade, pelo trabalho como princípio educativo. Pensando a extensão universitária nessa configuração no processo formativo e considerando a totalidade, a contradição e as mediações, os acadêmicos podem vir a ter uma formação omnilateral e emancipada.

O homem⁷ enquanto ser ontológico se faz também pelo trabalho. Para Gadotti (2010, p. 147) “O que determina as opções do indivíduo não é a natureza humana genérica, mas a formação histórico-social”. O autor continua afirmando que “O homem é o que ele faz socialmente: ele não é, torna-se” (p. 125). Esse tornar-se homem se dá também pelo trabalho que é a categoria fundante das relações sociais. Portanto, o trabalho é ontológico. Para além do trabalho ser ontológico, o é também teleológico, conforme Lukács (1979). O trabalho é teleológico por haver intencionalidade, planejamento e propósitos, pois o homem não é genérico e acabado, “não somente como dado e meramente representado, mas agora também concebido na sua totalidade real, conceituada” (Lukács, 1979, p. 88). Isso pode promover transformações internas e externas do ser social, por uma ontologia materialista tornada histórica, expressa no trabalho educativo e pedagógico, podendo ocorrer na universidade e nas atividades de extensão.

7 Neste trabalho, foi utilizada a terminologia “homem” para designar tanto os homens quanto as mulheres.

CRONOGRAMA

Atividade	1 sem	2 sem	3 sem	4 sem	5 sem	6 sem	7 sem	8 sem
Cursar as disciplinas obrigatórias	x	x	x					
Cursar as disciplinas optativas	x	x	x					
Realinhar o projeto	x							
Participar de eventos	x	x	x	x	x	x	x	x
Participar do grupo de pesquisa	x	x	x	x	x	x	x	x
Realizar o estado da arte, conhecimento ou RSL	x	x						
Publicar em livros e periódicos			x	x	x	x	x	
Historicizar a universidade		x	x					
Conceituar a extensão universitária			x	x				
Discutir sobre a práxis e emancipação				x	x			
Qualificar o projeto/tese					x			
Apresentar a UEG e o curso de Pedagogia						x		
Analisar os projetos de extensão						x		
Realizar as entrevistas							x	
Analisar os dados coletados						x	x	
Finalizar a escrita da tese								x
Defesa								x

O recorte de projeto que socializo, apresenta, na íntegra, 20 páginas. O projeto, assim como o currículo *lattes* e o memorial do pesquisador são analisados e postos em questão no momento da

entrevista. Essa etapa da seleção pode ser efetivada com perguntas e respostas ou com um momento inicial de apresentação do pesquisador sobre seu projeto e trajetória acadêmica e profissional, seguida das perguntas dos membros da banca.

Uma das análises feitas é quanto à coerência do projeto com o programa e entre seus elementos. Outra é quanto a viabilidade e exequibilidade do projeto, considerando o cronograma e a metodologia, e também a afinidade teórico-metodológica do pesquisador com o possível orientador. A segurança no momento da entrevista é importante contudo, segurança é diferente de nervosismo. O pesquisador pode estar nervoso, mas apresentar segurança e, o contrário também. Saliento que um pesquisador pode ser aprovado com o seu projeto e tê-lo modificado em partes ou totalmente, *a posteriori*.

Outra questão importante, na entrevista e ao longo do mestrado ou doutorado e, também nos congressos, é se despir do ser professor (caso for) para ser pesquisador. Não cabe escrita e oralidade do senso comum, mas científica.

CONSIDERAÇÕES

(1ª edição)

Enveredar pela produção acadêmica pode ser um desafio e um prazer ao mesmo tempo. Desafio por trilhar novos caminhos e quiçá, desconhecidos. Prazer por ver o processo e o resultado alcançado. Como apresentei na introdução, a produção acadêmica é constituinte e constituída pela construção do conhecimento científico. Para o movimento da produção acadêmica é necessário que se esteja atento(a) a elementos de concepção, sentidos e construções do conhecimento científico.

De forma audaciosa, almejei apresentar elementos de concepções, sentidos e construções do conhecimento científico. Ao longo de minha caminhada acadêmica e profissional, aconteceram muitos entraves, mas consegui superar a grande maioria, quiçá sua totalidade. Movida pelo sentimento de que a formação do pesquisador é contínua e cada passo da jornada é importante, escrevi esse singelo livro.

Posso dizer que o livro não está pronto. A cada leitura, percebo que há o que ser acrescentado, detalhado, modificado, melhorado. Apesar disso, o coloco à disposição nesse momento, com o desejo de que o meu caminhar com a produção acadêmica e com a construção do conhecimento seja fortalecido. Da mesma forma, desejo isso também ao leitor (a).

Andréa Kochhann

CONSIDERAÇÕES

(2ª edição)

Idealizar um livro, caminhar por longos e sinuosos trajetos até materializá-lo pode ser uma trajetória audaciosa, mas prazerosa. Esse foi o sentimento que alcancei ao escrever o presente livro e principalmente ao revisitá-lo.

Como disse na primeira consideração, um livro nunca está pronto. A cada leitura que fazemos percebemos o que pode ser melhorado. A construção do conhecimento é algo inacabado, assim como o ser humano que está sempre em processo de evolução.

A produção acadêmica por concepções e sentidos a cada ano é constituída por movimentos complexos que a influencia. Concepções que mudam e avançam. Sentidos que norteiam e nos movem.

Com este contexto foi necessário trilhar novamente a caminhada das linhas desse livro e quando necessário acrescentar, retirar, reescrever, reforçar, redesenhar, realinhar e outras formas de construir conhecimento.

Convido aos leitores para degustarem este novo formato do nosso livro.

Andréa Kochhann

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira e OZELLA, Sérgio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

ANPED. **Ética e pesquisa em educação: subsídios**. Volume 1. Rio de Janeiro: Anped, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6033**. Ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6032**. Abreviações de títulos de periódicos e publicações seriadas, procedimentos. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6025**. Informação e documentação: revisão de originais e provas. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**. Informação e documentação: citações em documentos, apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**. Informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**. Informação e documentação: sumário, apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**. Informação e documentação: resumos, apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12225**. Informação e documentação: lombada, apresentação. Rio de Janeiro, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6034**. Informação e documentação: índice, apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6029**. Informação e documentação: livros e folhetos. Rio de Janeiro, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10719**. Apresentação de relatórios técnicos-científicos. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**. Informação e documentação: trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**. Apresentação de artigos e periódicos. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**. Informação e documentação: referências, elaboração. Rio de Janeiro, 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**. Informação e documentação: citações em documentos, apresentação. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro, 2023.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves e HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo**. Brasília: Liber Livro, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, Zaia (Org.). **A crise dos paradigmas e a educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 112, p. 59-62, 13 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, seção 1, p. 44-46, 24 maio 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Volume 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CHUEKE, Gabriel Vouga; AMATUCCI, Marcos. O que é bibliometria? uma introdução ao fórum. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**. 2015.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CRUZES, Daniela; DYBA, Toré. **Recommended steps for thematic synthesis in software engineering**, in: 5th International Symposium on Empirical Software Engineering and Measurement (ESEM), 2011, pp. 275–284.

DALE, Edgar. **Audio-visual methods in teaching**, New York: The Dryden Press, 1946

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2006.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Liber Livro, 2007.

DRESCH, Aline; LACERDA, Daniel Pacheco; JÚNIOR, José Antônio Valle Antunes. **Design science research: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012.

GALLIANO, Guilherme. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harba, 1986.

GATTI, Bernadete. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro, 2012.

GATTI, Bernadete. A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

HÚNGARO, Edson Marcelo. A questão do método na constituição da teoria social de Marx. In. SOUZA, J. V; SILVA, M. A; CUNHA, C. (Orgs.) **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas, SP: Autores Associados. Brasília-DF, 2014.

JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e morte das ciências humanas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

KERLINGER, Fred N. **Fundamentos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: EPU, 1980.

KOCHHANN, Andréa. **Formação docente e extensão universitária: tessituras entre concepções, sentidos e construção**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação Strito Sensu em Educação. Universidade de Brasília. 2019.

KOCHHANN, Andréa; CÉSAR, Gisele de Oliveira Silva; BORGES, Nay Brunio. O ensino híbrido: estratégias orientadas para aprendizagem no Ensino Superior. In: BARBOSA, Milson dos Santos, BRANDÃO, Luma Mirely de Souza, MOTA, Danyelle Andrade Mota (Org.). **Ensino híbrido: Estratégias orientadas para aprendizagem**. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2021.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**. 154-164, 2014.

MOROZ, Melania e GIANFALDONI, Mônica Helena T. A. **O processo de pesquisa iniciação**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2006.

PÊCHEUS, Michel. **Análise de discurso**. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2011.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. São Paulo: Editora Ideias e letras, 2008.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROMANOWSKI, Joana Paulin.; ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do Tipo “Estado da Arte” em Educação. **Revista Diálogo Educacional**. 37-50, 2006.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS FILHO, José Camilo dos e GAMBOA, Sílvia Sanchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Cláudio Nei Nascimento; PORTO, Marcelo D. **Metodologia científica descomplicada: pesquisa e prática para iniciantes**. Brasília: IFB, 2016.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

WOLFF, Gabriela; DELMONDES, Iraildes Sales dos Santos. Estado da arte acerca da prática docente e a organização tempo/espaço na educação infantil. **Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem**⁸, v. 1, n. 1, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

⁸ Como dito em outro momento, muitas revistas e editoras solicitam o link e a data de acesso do documento eletrônico, podendo se configurar da seguinte forma: Disponível em: www..... Acesso em: 15 fev. 2025.



ANDRÉA KOCHHANN

Pós-Doutoranda em Educação (UFG), Pós-Doutora em Educação (PUC/GO), Mestre em Educação (PUC/GO), Especialista em Docência Universitária (UEG), Pedagoga (UEG), Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão, Educação e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Coordenadora do GEFOP (Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade).

E-mail:

andreakochhann@yahoo.com.br

A produção acadêmica é constituinte e constituída pela construção do conhecimento científico. Para o movimento da produção acadêmica é necessário que se atente a elementos de concepção, sentidos e construções do conhecimento científico. Nesse movimento, o presente livro prima por apresentar questões inerentes à concepção da produção acadêmica com o sentido de construção do conhecimento científico por meio orientações quanto à organização e escrita científica, quadro de coerência, estado da arte, organização de artigos e de projetos de pesquisa. De forma autoral, o texto vai se delineando na unidade teoria e prática, de maneira que, ao final da leitura, seja possível a construção de um artigo científico ou projeto de pesquisa de iniciação científica, mestrado ou doutorado.